



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

"Júlio de Mesquita Filho"

**FCTE - Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação - Câmpus de
Ourinhos - Unesp**

RAYSSA DA SILVA GARROSSINO

**"A EXCURSÃO GEOGRÁFICA" DE DELGADO DE CARVALHO:
ORIENTAÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA (1941)**

OURINHOS/SP

2023



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

"Júlio de Mesquita Filho"

**FCTE - Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação - Câmpus de
Ourinhos - Unesp**

RAYSSA DA SILVA GARROSSINO

**"A EXCURSÃO GEOGRÁFICA" DE DELGADO DE CARVALHO:
ORIENTAÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA (1941)**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
desenvolvido junto ao curso de
Geografia da Universidade Estadual
Paulista Júlio de Mesquita Filho
(UNESP) - Câmpus de Ourinhos, sob a
orientação da Dra. Márcia Cristina de
Oliveira Mello.

OURINHOS – SP

2023

G243" Garrossino, Rayssa da Silva
"A EXCURSÃO GEOGRÁFICA" DE DELGADO
DE CARVALHO: : ORIENTAÇÕES PARA O
ENSINO DE GEOGRAFIA (1941) / Rayssa da Silva
Garrossino. -- Ourinhos, 2023
74 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado -
Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação,
Ourinhos

Orientadora: Márcia Cristina de Oliveira Mello

1. Escola Nova. 2. Delgado de Carvalho, I. Título.
Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca da Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação, Ourinhos.
Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

DEDICATÓRIA

Ao CNPQ pela bolsa de pesquisa PIBIC e a todas as pessoas que lutam diariamente pela educação brasileira e a todos professores que acreditam no poder da educação como ferramenta transformadora e importante para o desenvolvimento humano, de valor inestimável, Dedico.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar agradeço a Deus por mais um trabalho concluído com sucesso.

Agradeço à minha Orientadora Professora e Doutora Márcia Mello, pela dedicação e apoio mediante a essa pesquisa e Trabalho de Conclusão de Curso, que muito significa para minha carreira como graduanda na aquisição do Bacharelado em Geografia, como intenção adquirir conhecimento a minha profissão e metodologia de trabalho quando formada.

Agradeço a minha família pelo esforço e pelo apoio na minha formação sempre me apoiando e incentivando novas conquistas, apoio e motivação para alcançar onde pretendo chegar em minha carreira e profissão.

Agradeço a todos os membros e funcionários da Unesp de Ourinhos/SP pela confiança e pelo trabalho por eles realizado como parte também da minha formação acadêmica.

Agradeço ao CNPQ pelo apoio e incentivo com bolsa de pesquisa para que esse trabalho tivesse sido realizado nos anos de 2021, e dando continuidade ao Trabalho de Conclusão de Curso, na FCTE - Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação - Câmpus de Ourinhos – Unesp.

RESUMO

A presente pesquisa é de natureza documental e baseada em fontes bibliográficas, tendo como ponto de partida a excursão geográfica proposta por Delgado de Carvalho na *Revista Brasileira de Geografia* em 1941. Com uma abordagem histórica, o objetivo é identificar teorias, princípios e ideias relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem da Geografia no contexto da Escola Nova brasileira. A educação brasileira foi influenciada por diferentes correntes pedagógicas, e no campo do ensino de Geografia, Delgado de Carvalho desempenhou um papel importante na superação do ensino tradicional. Ele buscava aplicar metodologias didáticas progressistas, com o objetivo de reformular o ensino de Geografia considerado tradicional e substituí-lo por uma abordagem mais científica e moderna. Delgado de Carvalho tinha como principal meta que o aluno adquirisse conhecimento sobre o meio social em que vivia, incentivando os professores a identificar e trabalhar com a realidade mais próxima dos alunos. Uma publicação relevante de Delgado de Carvalho foi o artigo intitulado "Excursão Geográfica" na *Revista Brasileira de Geografia*. Nesse texto, ele defende que os conceitos geográficos devem estar relacionados ao cotidiano do aluno, tornando o ensino mais aplicável às situações encontradas na sala de aula. Uma das contribuições importantes de Delgado de Carvalho foi a introdução das divisões regionais, classificadas em cinco grandes regiões com características físicas semelhantes, que serviam como material didático para o ensino de Geografia. No entanto, Carvalho reconhecia que as relações humanas são mutáveis e difíceis de serem divididas de forma duradoura, o que apresentava desafios para o ensino de Geografia. Em resumo, a pesquisa busca analisar as orientações metodológicas apresentadas por Delgado de Carvalho em seu texto sobre a excursão geográfica. Ele defendia a aplicação de conceitos geográficos relacionados ao cotidiano dos alunos, introduziu as divisões regionais como recurso didático e reconheceu as complexidades das relações humanas na Geografia. Essa pesquisa contribui para compreender a influência de Delgado de Carvalho no ensino de Geografia dentro do contexto da Escola Nova brasileira.

Palavras-chave: *Excursão geográfica; Ensino em Geografia; Escola Nova.*

ABSTRACT

The present research is of a documentary nature and is based on bibliographic sources, taking as its starting point the geographical excursion proposed by Delgado de Carvalho in the *Revista Brasileira de Geografia*. With a historical approach, the objective is to identify theories, principles, and ideas related to the teaching and learning process of Geography within the context of the Brazilian New School. Brazilian education has been influenced by different pedagogical currents, and in the field of Geography teaching, Delgado de Carvalho played an important role in overcoming traditional teaching methods. He sought to apply progressive didactic methodologies with the aim of reformulating the traditionally taught Geography and replacing it with a more scientific and modern approach. Delgado de Carvalho's main goal was for students to acquire knowledge about their social environment, encouraging teachers to identify and work with the students' closest reality. One relevant publication by Delgado de Carvalho was the article titled "Geographical Excursion" in the *Revista Brasileira de Geografia*. In this text, he argued that geographical concepts should be related to students' everyday life, making teaching more applicable to situations encountered in the classroom. One of Delgado de Carvalho's important contributions was the introduction of regional divisions, classified into five major regions with similar physical characteristics, which served as didactic material for teaching Geography. However, Carvalho acknowledged that human relations are mutable and difficult to divide in a lasting manner, which posed challenges for the teaching of Geography. In summary, the research aims to analyze the methodological guidelines presented by Delgado de Carvalho in his text on the geographical excursion. He advocated for the application of geographical concepts related to students' everyday life, introduced regional divisions as a didactic resource, and recognized the complexities of human relations in Geography. This research contributes to understanding the influence of Delgado de Carvalho on the teaching of Geography within the context of the Brazilian New School.

Keywords: Geographical excursion; Teaching in Geography; New School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
OBJETIVOS	11
METODOLOGIA	11
CAPÍTULO 1- DELGADO DE CARVALHO E SUA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DE GEOGRAFIA	12
Figura 1- Carlos Miguel Delgado de Carvalho.....	12
CAPÍTULO 1.1 DELGADO DE CARVALHO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A GEOGRAFIA (1884-1980)	19
CAPÍTULO 2 - A PROPOSTA DA “EXCURSÃO GEOGRÁFICA” DE DELGADO DE CARVALHO (1941)	22
Quadro 1- Algumas propostas de divisões regionais do Brasil por Delgado de Carvalho e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística....	25
Figura 2- Divisão Regional do Brasil por Carlos Miguel Delgado de Carvalho.	26
2.2 A EXCURSÃO GEOGRÁFICA	29
Quadro 2- Questões problematizadoras e seus respectivos temas, citados por Delgado de Carvalho em “Excursão geográfica”.....	31
Quadro 3- Relevo e paisagem.....	38
Questão problematizadora 1.....	38
Questão problematizadora 2.....	39
Questão problematizadora 3.....	40
Questão problematizadora 4.....	41
Questão problematizadora 5.....	41
Quadro 4 – Levantamento Histórico.....	42
Questão problematizadora 6.....	42
Questão problematizadora 7.....	43
Questão problematizadora 8.....	43
Questão problematizadora 9.....	43
Questão problematizadora 10.....	44
Questão problematizadora 11.....	44
Quadro 5 – Observação Socioespacial.....	44
Questão problematizadora 12.....	45
Questão problematizadora 13.....	45
Questão problematizadora 14.....	45
Questão problematizadora 15.....	46
Questão problematizadora 16.....	46
Quadro 6 – Recursos Hídricos.....	47
Questão problematizadora 17.....	47
Questão problematizadora 18.....	47
Questão problematizadora 19.....	47
Quadro 7 – Tipos e características de moradias.....	48

Questão problematizadora 20.....	48
Questão problematizadora 21.....	49
Questão problematizadora 22.....	50
Quadro 8 - Geografia agrícola.....	50
Questão problematizadora 23.....	51
Questão problematizadora 24.....	51
Questão problematizadora 25.....	52
Quadro 9 - Trabalho e agricultura.....	53
Questão problematizadora 26.....	53
Questão problematizadora 27.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58

INTRODUÇÃO

Para compreender o significado da excursão geográfica no ensino de Geografia, deve-se considerar o contexto histórico do seu surgimento no Brasil. Vale ressaltar que a segunda guerra mundial foi um marco quase eterno ao modelo de ensino brasileiro, esse fator histórico surtiu um impacto não imaginável até a atualidade sobre ensino e metodologias de ensino público, tanto em Geografia como nas demais disciplinas. De acordo com (ROCHA, 2000) a demanda de procura pela escolarização surge juntamente com a industrialização e urbanização, pois foram os mais importantes processos que surtiram efeitos na formação de toda a teoria de ensino dentro das escolas.

A Geografia sempre foi uma disciplina em constante mudança e por esse motivo havia interesses políticos e de controle de massa de acordo com a época em que se encontrava, isso garantia um controle do Estado sobre quais julgava as melhores formas de disciplinar e controlar a classe trabalhadora do futuro, garantindo assim a qualificação da mão de obra tão almejada naquele momento.

Essa periodização feita por Rocha (1996) nos orientará quanto à abordagem da história dessa disciplina escolar, visto que a compreendemos como resultados dos processos de transformações que ocorreram em virtude das práticas escolares, dos materiais didáticos, das relações entre as abordagens teóricas produzidas na academia e na escola, dos saberes dos sujeitos sociais que compõem a escola, das políticas públicas educacionais, dos grupos que estão no poder quando da escolha dos conteúdos e métodos a serem elencados para currículos e dos debates políticos que atingem direta ou indiretamente a escola, entre outros. (ALBUQUERQUE, 2004, p. 25).

Contudo, havia a necessidade de elencar as questões mais relevantes nesse cenário. Para se fazer essa análise crítica às obras publicadas na época, é preciso compreender o contexto histórico pelas quais foram elaboradas e a importância das compilações de pensamentos neste período (ALBUQUERQUE, 2004). Pois, são das compilações de pensadores da época como Delgado de Carvalho que descrevem a realidade do ensino, baseado no

modelo político que vigorava assim as mudanças que logo ficariam conhecidas como Escola Nova.

Os conhecimentos geográficos que lentamente haviam sido acumulados, e que em decorrência direta do mercantilismo e colonialismo sofreram significativos acréscimos, no bojo do processo de divisão dos campos de estudos e de pesquisas iniciados por volta do fim do século XVIII, começam a ser sistematizados com o objetivo de dar corpo a uma disciplina especializada. (ROCHA, 2009, p.77).

Deve-se ressaltar que os livros didáticos escolares no início do século XIX eram, em sua maior parte, elaborações estrangeiras que meramente eram adaptadas para as escolas do Brasil. Sendo assim, os conteúdos abordados centravam-se na assimilação do exterior, não sendo uma forma eficaz de aprendizagem, o que ocasionava então uma assimilação fora do meio social quando trazida para a realidade dos alunos brasileiros (ALBUQUERQUE, 2004).

Um importante aliado a compreender essas mudanças foi justamente Delgado de Carvalho que quando diretor do Colégio Pedro II, buscava colocar em prática as metodologias didáticas progressistas, como ideia principal para reformular a Geografia ensinada na época, foi quando sofreu duras críticas. Mas o desejo de renovar não parou por aí, Carvalho se aliou ao Conselho Nacional de Educação, atrelado a Escola Nova, na qual via como metodologia de ensino inovador.

No ano de 1930, Delgado de Carvalho assumiu a direção do Colégio Pedro II. Entretanto, sua empreitada nesta instituição durou pouco mais de um ano, visto que suas propostas de trabalho passaram a enfrentar a oposição de parte do corpo docente, assim como também de funcionários. Em virtude da sua aproximação com os postulados e com os educadores da Escola Nova, esse autor assumiu o cargo de membro do Conselho Nacional de Educação. Ainda na década de 1930 tornou-se o primeiro diretor do Instituto de Pesquisas Educacionais, permanecendo no cargo até 1935. Composto esse mesmo grupo de intelectuais e defendendo piamente a sua postura nacionalista – ele entendia a escola como espaço da reprodução desse ideário – foi um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova em 1932. (ALBUQUERQUE, 2004, p. 41).

O principal objetivo de modelo nacionalista de Carvalho era que o aluno aprendesse relacionando ao meio social em que vivia, e exemplos de fora (estrangeiro) deveriam ser usados somente se tivessem relação de

comparação à realidade na qual o aluno estava inserido, para isso ele buscava sempre identificar e trabalhar sobre as realidades dos próprios alunos.

Carvalho propôs, também, que o meio em que vive o aluno se tornasse, em qualquer tema abordado nas aulas de Geografia, o assunto principal de estudo. As noções sobre outras regiões deveriam ser somadas como informações a mais, de caráter suplementar e comparativo. Defendeu a posição de que a Geografia pátria deveria ser a base e o ponto de partida dos estudos sobre a fisiografia e a geologia do globo terrestre, sugerindo aos professores que não se alongassem nas explicações sobre assuntos sem aplicação ao Brasil. (ROCHA, 2000, p. 6).

O texto publicado por Delgado de Carvalho na *Revista Brasileira de Geografia* com tema da excursão geográfica no ano de 1941, teve intenção de alertar o professor de preparar o aluno a compreender sua posição individual no meio em que estava inserido e partindo dessa perspectiva tornava então, o pensamento geográfico um norte para orientação, quando relacionados ao cotidiano do aluno, isso tornava então um ensino mais aproveitável e cabível as demasiadas situações dentro das salas de aula nas mais variadas regiões do Brasil.

Mas este sentido geográfico de posição é dado de dois modos principalmente. O primeiro, mais largo, mais geral, consiste em colocar o estudante em condições de localizar o fato ou o fenômeno no quadro natural completo. É ao mesmo tempo situação, topografia do ambiente, feições climáticas, posição em relação à ocupação humana, divisão política, linhas de circulação e comunicações. Em suma, é complexo, e o fato só tem valor geográfico quando nele integrado. O segundo modo, consiste em preparar o estudante a compreender a sua posição individual, relativa a um ambiente mais próximo, dando-lhe o sentido da direção, do quadro geográfico imediato e visível, além do horizonte. (CARVALHO, 1941 apud, MENEZES, 2011, p. 9).

Sendo assim, compreende-se que o ensino de Geografia passou por diversos processos de transformação, e ainda passa, pois sofre modificações conforme o fator histórico e político social que está inserido. É cabível estudar esses fatos que ocasionaram essas mudanças e salientar ainda mais a importância do estudo das disciplinas escolares que levou a toda uma nova construção social no âmbito escolar e didática após guerras, lideranças, migrações e identidades culturais.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

- Identificar quais orientações metodológicas foram destinadas aos professores por Delgado de Carvalho, no texto que retrata “A excursão geográfica”, publicado em 1941, na *Revista Brasileira de Geografia*.
- Destacar a forma como a Didática da Geografia foi pensada no período pós 1930, com foco nas saídas a campo.

Objetivos Específicos:

- Reforçar a importância das características da Didática na Geografia da Escola Nova, proposta por Delgado de Carvalho, e a base teórica que levou a esse pensamento.

METODOLOGIA

Consistiu em uma investigação bibliográfica e documental sobre o Ensino de Geografia e Didática da Geografia. O material de estudo incluindo as fontes primárias e secundárias, indicadas pela professora orientadora, foram localizados em acervos da Universidade de São Paulo (USP) e reunidos em formato de cópias digitais, incluindo os periódicos da época.

A pesquisa bibliográfica teve como foco principal os temas relacionados ao ensino de Geografia da Escola Nova (1930-1960), quando o cenário educacional e social da sociedade brasileira se alterou novamente em decorrência da pós-Segunda Guerra Mundial com o processo de urbanização e industrialização. Naquele momento novas orientações didáticas foram divulgadas aos professores. A pesquisa destaca esta forma de pensar da época, com foco no conceito de aprendizagem por meio de recursos didáticos, como “A excursão geográfica”, proposta por Delgado de Carvalho.

Os dados coletados foram organizados em forma de quadros, que foram analisados à luz da bibliografia especializada em ensino de Geografia. Foram consideradas as categorias: aprendizagem e recursos didáticos, em Delgado de Carvalho.

CAPÍTULO 1- DELGADO DE CARVALHO E SUA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DE GEOGRAFIA

Figura 1- Carlos Miguel Delgado de Carvalho



Fonte: Grupo GeoBrasil (2008)

O professor Carlos Miguel Delgado de Carvalho nasceu na Europa, em Paris, no ano de 1884. Filho de brasileiro, desenvolveu seu interesse de estudo aos 11 anos morando na Suíça, mudou-se então para a França em Lyon para cursar o então segundo grau. Por toda sua trajetória de estudos teve então um renomado ensino, em que poucos tinham privilégio com grandes intelectuais europeus daquela época. Toda essa relação moldou assim um pensamento liberal que ele logo mais tarde tomaria como ponto de partida para a sua trajetória, elementos fundamentais para compreender o pensamento teórico que Carvalho via em sinônimo de educação (ROCHA, 2000).

Foi no ano de 1920 que retornou do exterior para viver no Brasil, trazendo um novo pensamento teórico pelo qual havia conquistado em sua trajetória no exterior. Ainda no ano de 1920, resolveu ingressar através de concurso no Colégio Pedro II, para lecionar a disciplina de Inglês. Bem-visto em sua trajetória de conhecimento passou também a ministrar aulas de

Geografia e posteriormente como docente em Sociologia quando implementada no Colégio.

No ano de 1959 lançou seu o livro *História Diplomática do Brasil*, publicou mais dois livros *Atlas histórico Escolar* (1973) e *História da cidade do Rio de Janeiro* (1990).

Foi em sua publicação em 1941 na *Revista Brasileira de Geografia* que Delgado de Carvalho discutiu a excursão geográfica. A orientação dada pelo autor se tornou objeto de estudo de muitos geógrafos e pedagogos.

Nesse contexto, o Brasil passava por transformações e desafios, incluindo o ensino de geografia nas escolas. Vale ressaltar que o panorama educacional do país na época era bastante diverso, variando de acordo com fatores como região, nível socioeconômico e acesso à educação.

No período pré-Segunda Guerra Mundial, a educação no Brasil passava por um processo de expansão e reformas. Houve um aumento significativo no número de escolas, especialmente nas áreas urbanas. No entanto, o acesso à educação ainda era limitado, especialmente para as camadas mais pobres da população e para as regiões mais distantes consideradas periféricas e de difícil acesso a muitas necessidades básicas e humanas.

Delgado foi um grande defensor da ciência, pois acreditava que ela poderia dar liberdade ao homem em aspectos tanto políticos como em questões sociais mantendo sempre sua relação com o homem e a paisagem como partes separadas e de olhar sobre uso e ocupação do espaço geográfico. Carvalho criticou na época as metodologias de ensino pela qual, que seriam fora da realidade local ocasionando uma desmotivação e desvalorização do significado do conhecimento adquirido pelo aluno, o que leva a crer sua linha de pensamento de valorização ao espaço geográfico em que os alunos estivessem inseridos, através de uma educação nacionalista e valorizadora das relações sociais e naturais do Brasil.

Quanto ao ensino de geografia, ele estava presente nos currículos escolares, mas com uma abordagem bastante tradicional e descritiva. As aulas de geografia eram focadas na memorização de fatos e informações, como nomes de países, capitais, rios e cadeias de montanhas. O objetivo principal era transmitir conhecimentos básicos sobre os elementos geográficos e a localização dos lugares.

Os livros didáticos de geografia desse período geralmente eram importados, principalmente de países europeus, e refletiam a visão eurocêntrica predominante na época. Eles enfatizavam a geografia física e política dos países europeus, com menos ênfase nos aspectos sociais, econômicos e culturais do Brasil.

No entanto, é importante mencionar que, mesmo nesse contexto, havia professores e intelectuais que buscavam uma abordagem mais crítica e contextualizada para o ensino de geografia e vale ressaltar o nome de Carlos Miguel Delgado de Carvalho, desta maneira algumas escolas e educadores tentavam incluir elementos regionais e temas relevantes para o país, visando uma educação mais voltada para a realidade brasileira.

Em 1980 já aos 96 anos Carlos Miguel Delgado de Carvalho faleceu e deixou todas suas contribuições que posteriormente seriam estudadas e baseadas para proveito da maneira de abordar com o aluno a valorização do local para global e a sua importância de questionar e argumentar com o aluno e propor a ele questões problematizadoras sobre o espaço geográfico em que vive.

A linha de pensamento nacionalista de Carvalho também recebe críticas por sua tendência a destacar apenas os aspectos positivos de cada região, sem abordar as desigualdades e disparidades socioeconômicas presentes.

Essa visão nacionalista limitada contribuiu para a manutenção de desigualdades regionais, perpetuando estereótipos e subvalorizando as contribuições e potenciais de regiões consideradas periféricas.

Apesar das críticas, é importante reconhecer que Delgado de Carvalho foi um produto de seu tempo e contexto histórico. Sua abordagem refletia as tendências e perspectivas dominantes na época em que ele viveu. No entanto, ao avaliar seu legado, é crucial considerar as críticas levantadas e buscar abordagens mais atualizadas e inclusivas que considerem a complexa interação entre seres humanos e natureza, bem como as diversidades e desigualdades presentes em todas as regiões do Brasil. Como prática pedagógica para diminuir e amenizar as desigualdades sociais em que o Brasil se encontrava, o movimento da Escola Nova ganhou força sendo este o modelo de ensino que predomina até os dias de hoje.

A Escola Nova foi um movimento educacional que surgiu na Europa no final do século XIX e início do século XX trouxe uma abordagem revolucionária, colocando o aluno no centro do processo de aprendizagem.

Nesse contexto, um grupo de intelectuais pioneiros decidiu se unir para expressar sua visão sobre a educação no país. Esse grupo tinha diferentes ideologias, mas compartilhava um objetivo comum: transformar a sociedade brasileira por meio da educação. Assim nasceu o "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova".

Esse manifesto foi uma manifestação corajosa de um segmento da elite intelectual brasileira, que desejava influenciar a maneira como a sociedade estava organizada, especialmente no que dizia respeito à educação. Embora tivessem diferentes pontos de vista ideológicos, esses pioneiros compartilhavam uma crença profunda no poder transformador da educação.

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi um documento que refletia não apenas as esperanças e sonhos desses intelectuais, mas também suas preocupações com o sistema educacional vigente. Eles acreditavam que a educação tinha o potencial de moldar o futuro do país, tornando-o mais justo, inclusivo e próspero.

Ao escrever o manifesto durante o governo de Getúlio Vargas, esses pioneiros esperavam que suas ideias chegassem aos tomadores de decisão e influenciassem as políticas educacionais em todo o país. Eles queriam que a educação se tornasse uma prioridade nacional, entendendo que investir em educação era investir no futuro do Brasil.

O "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova" foi uma declaração ousada e revolucionária para sua época. Serviu para destacar a importância da educação na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, enfatizando a necessidade de investimentos na formação de professores, na valorização da escola pública e na democratização do acesso à educação de qualidade.

Embora esse manifesto tenha sido escrito há muitos anos, sua mensagem ainda ecoa nos dias de hoje. Ele nos lembra que a educação é um pilar fundamental para o desenvolvimento de um país e que devemos continuar buscando uma educação inclusiva, equitativa e transformadora.

O impacto desses educadores e do Manifesto dos Pioneiros foi significativo. Suas ideias ajudaram a moldar a educação brasileira ao longo dos

anos, influenciando políticas públicas e reformas educacionais. Muitas das práticas pedagógicas que temos hoje, como a valorização da participação dos alunos, o estímulo ao pensamento crítico e o enfoque na formação integral, têm suas raízes na Escola Nova.

A Escola Nova propôs uma abordagem pedagógica mais democrática, participativa e centrada no aluno.

O movimento da Escola Nova enfatizou a necessidade de dar mais ênfase na experiência do aluno, incentivando a ação e a reflexão sobre o conhecimento adquirido. O que no ensino tradicional anterior a essa linha de pensamento escolanovista como conhecimento centrado no professor, o que dificultava a compreensão do aluno sobre o que estava sendo ensinado pois o mesmo não construía o conhecimento gradativamente. Na Escola Nova, a abordagem foi bastante diferente, com ênfase na cooperação entre professores e alunos, relações horizontais, ênfase nas atividades práticas, experimentos, pesquisa e explorando as necessidades individuais de cada aluno em particular.

Na Escola Nova, os alunos eram encorajados a desenvolver sua própria trajetória de aprendizagem, escolhendo temas de interesse e participando ativamente no planejamento e na realização das atividades educativas. Dessa forma, a autonomia era vista como um processo que se desenvolvia gradualmente, por meio da experiência concreta e da reflexão sobre as próprias ações. (ALVES, 2009, p. 102).

A Escola Nova também introduziu uma abordagem mais inclusiva, atendendo às necessidades de todos os alunos, independentemente de suas habilidades ou necessidades. Ela enfatizou a importância da aprendizagem significativa, e a construção de um ambiente agradável e seguro onde os alunos se sentiam valorizados e respeitados. Isso proporcionou a possibilidade de cada aluno desenvolver suas capacidades individuais ao máximo, alavancando o potencial de cada um.

Um dos aspectos mais importantes da Escola Nova foi a introdução do ensino multidisciplinar, onde os assuntos eram ensinados de maneira integrada, de forma que os alunos pudessem ver a conexão entre eles, facilitando a compreensão e a aprendizagem de forma geral. Além disso, a

metodologia de ensino da Escola Nova foi fundamental na formação de indivíduos que podem se comunicar com complexidades, entender a sociedade em que vivemos e aplicar o conhecimento aprendido em seus projetos pessoais e profissionais.

A abordagem da Escola Nova foi muito bem-sucedida em muitos lugares do mundo, e muitos governos entenderam a importância de uma educação mais inclusiva e centrada no aluno. Isso levou à introdução de reformas educacionais progressistas, incluindo a elaboração de currículos que são mais relevantes para a vida cotidiana, a promoção do desenvolvimento de habilidades críticas e a preparação dos alunos para se tornarem cidadãos ativos e responsáveis na vida adulta. No entanto, em alguns lugares do mundo ela só ficou na teoria ou foi aplicada em algumas escolas de forma bem isolada, foi o caso do Brasil.

Portanto, a Escola Nova foi uma abordagem educacional importante que proporcionou uma educação de qualidade para estudantes em todo o mundo. O foco na experiência do aluno em detrimento da abordagem centrada no professor, e a metodologia que enfatiza a aprendizagem significativa e a inclusão, foram fundamentais na construção do conhecimento dos alunos e na formação de indivíduos bem preparados para enfrentar os desafios do mundo em constante mudança. Portanto, a importância da Escola Nova na construção do conhecimento dos estudantes não pode ser subestimada, e a abordagem do movimento deve continuar a ser explorada em busca da educação de qualidade para todos.

Segundo Demerval Saviani (2012) a natureza do homem é mutável e o que a determina é sua existência e a educação tradicional se baseia na mera atividade do homem na sua existência e atividade exercida quando passa a ser um adulto, abandonando quaisquer concepções de que o ser humano é capaz de ser um pensador ainda pequeno, contradizendo, a educação moderna surge com a visão de dedicar ao homem se torna ainda mais completo se desde o seu nascimento adquirir conhecimento já na infância colocando então a importância da educação totalmente sobre a formação da criança.

As relações com o ensino moderno passaram a tomar novos rumos, rumos estes que valorizam a individualidade de cada aluno propondo assim, mudanças na qualidade do aprendizado como um todo e único objetivo. Dessa

maneira, conforme Saviani (2012) a criança ou adolescente passa a ter mais interesse pelos estudos do que um mero esforço mental para decorá-lo. Todo esse propósito vem unido da Pedagogia e da psicologia e do acompanhamento biológico do desenvolvimento da criança.

Do ponto de vista pedagógico, o eixo destacou-se do intelecto para as vivências; do lógico para o psicológico; dos conteúdos para os métodos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para as espontaneidade; da direção do professor para a iniciativa do aluno; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental baseada na biologia e na psicologia (SAVIANI, 2012, p. 143).

A pedagogia tradicional abriu as possibilidades para que fosse possível repensar a maneira de ensinar, em sua existência o ensino tradicional trouxe sim resultados positivos a formação de acordo com os interesses da época, quando se tratava do ser humano como parte da atividade econômica, hoje a Pedagogia escolanovista já valorizada e muito aplicada ganha espaço em promover um ensino de qualidade de maneira focada tanto no conhecimento pessoal e conhecimento educacional, não deixando de lado um ser humano ativo ao mercado e aos interesses que o mercado possui dando a possibilidade do indivíduo lutar pelos seus interesses assim que se forma.

A Escola Nova proposta em meados do século XIX, teve como ponto de partida a valorização do conhecimento já nos anos iniciais pondo a criança como o centro de prioridades e foco da formulação das atividades educacionais, pois valoriza o ensino infantil como a base para uma formação excelente e que apresente resultados, deixando a criança como protagonista da sua própria atividade, através da mediação feita pelo professor (SAVIANI, 2012, p.144).

No ensino de Geografia a Escola Nova influenciou em metodologias ativas como o trabalho de campo.

CAPÍTULO 1.1 DELGADO DE CARVALHO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A GEOGRAFIA (1884-1980)

Delgado de Carvalho teve sua trajetória de estudos uma grande repercussão pelo renomado ensino que tivera, estudou com grandes intelectuais que garantiram assim discussões importantes para que ele se aprofundasse em temas que trariam a diferença para o estudo geográfico no Brasil. Essa relação moldou assim um pensamento liberal que logo mais tarde tomaria como ponto de partida para a sua trajetória, elementos fundamentais para compreender o pensamento teórico que Carvalho via em sinônimo conjunto à educação (ROCHA, 2000).

Apesar de suas atividades serem voltadas aos estudos e didáticas brasileiras Carvalho buscava junto com a professora, historiadora e geógrafa Therezinha de Castro (1930-2000) publicar vários artigos sobre Geografia que atingissem um público mais abrangente e que suas teorias educacionais fossem conhecidas, uma de suas publicações foi na *Revista Brasileira de Geografia* elaborada no Boletim Geográfico do famoso IBGE que era de responsabilidade da editora da Biblioteca do Exército. Entre outros, em 1960 editaram o *Atlas de Relações Internacionais* visando estabelecer uma ampla visão sobre a Geografia no mundo. (MENEZES, 2011, p.2)

Sua marcante trajetória trouxe um campo de visão para uma nova escola, que logo mais tarde teria grande influência de pensadores otimistas sobre a escola moderna e contemporânea. Seu desafio era promover um ensino igualitário e justo para o local em que os membros estavam inseridos, sejam eles alunos ou professores.

Um importante documento que remete às metodologias adotadas e apoiadas por Carvalho, foram expressadas em seu manual *Methodologia do ensino geographico*, publicado em 1925, que expressava sua crítica sobre o ensino tradicional, propunha assim priorizar a necessidade de despertar o interesse de aprender nas crianças para que o conhecimento não fosse somente dentro das salas de aula e materiais didáticos objetivos e prontos, mas em adotar atividades extraclasse e trabalhar toda a desenvoltura de um conhecimento inovador e que despertasse assim a motivação dessas crianças. Sejam esses recursos de atividades extracurriculares envolvendo a arte, como

gravuras, fotografias e jogos, considerados materiais importantes para o desenvolvimento psicológico e cognitivo da criança, como parte desse desenvolvimento. Carvalho incorpora a questões de reconhecimento regional para a criança, propondo um estudo sobre um ensino que envolvesse a Geografia e o aluno, contribuindo para que o mesmo construísse uma determinada imagem do território nacional em que vive, como quando publicou sua ideia de divisão regional do Brasil, qual tema era iniciado pelo o conceito de “região natural” (MELLO, M. p.156).

Ainda sobre a Escola Nova, embora ela não tenha alcançado a escola em sua dimensão da prática pedagógica, trouxe avanços envolvendo a luta de grupos formados por educadores, psicólogos e outros profissionais da educação que buscavam uma mudança radical na forma como a escola era concebida e administrada.

Entre os principais princípios da Escola Nova, podemos destacar a criança como o centro do processo de educação que busca uma abordagem mais dinâmica e participativa para o processo de aprendizagem. Algumas das principais características da Escola Nova incluem a valorização da experiência do aluno, a integração entre teoria e prática, o uso de materiais didáticos diversificados e a adoção de métodos de ensino mais lúdicos e interativos.

A Escola Nova foi uma das principais correntes pedagógicas do século XX e exerceu influência em diversos países ao redor do mundo. Seus princípios continuam sendo estudados e aplicados até hoje, particularmente em abordagens como a pedagogia construtivista e a educação popular.

Foi e vem sendo importante para compreender a ponte nas conexões culturais, políticas e econômicas que se estabelecem entre diferentes lugares e as formas como essas conexões influenciam as dinâmicas espaciais.

Essa perspectiva reconhece que os lugares não são isolados uns dos outros, mas sim interconectados por meio de redes complexas de relações. Essas conexões moldam e são moldadas pela Geografia.

Essa abordagem se tornou conhecida como "Geografia cultural" e representa uma mudança significativa na maneira como a Geografia é estudada e compreendida. Ao invés de olhar para a Geografia como algo fixo e imutável, a Geografia cultural reconhece que a Geografia é construída e moldada pelas pessoas e as sociedades que a habitam.

Os sítios culturais, nesse sentido, são partes fundamentais dessa construção da Geografia. Eles são locais onde a cultura de uma sociedade é preservada, transmitida e desenvolvida, e servem como pontos de conexão entre diferentes lugares e culturas.

Por exemplo, um sítio cultural como a cidade de Jerusalém tem um papel fundamental na construção da Geografia da região do Oriente Médio. Sua importância religiosa, histórica e política a tornou um local de peregrinação e conflito ao longo dos séculos, o que influenciou as relações e as interatividades entre diferentes sociedades e regiões.

Ao reconhecer a importância dos sítios culturais e suas redes na construção da Geografia, a Geografia cultural nos permite compreender a Geografia como um processo dinâmico e em constante mudança, em vez de algo estático e fixo.

À medida que esses elementos são selecionados e praticados pelos responsáveis educacionais e formadores em uma determinada região, eles vão moldando a forma de pensar e produzir conhecimento geográfico da mesma.

De certa forma, o processo acaba se tornando uma espécie de "criação de tradição" que ocorre em certas regiões geográficas. À medida que os agentes presentes nessa região praticam determinado estilo de pensamento geográfico, eles vão criando uma tradição, um conjunto de práticas e conceitos que vão se consolidando ao longo do tempo e que acabam sendo transmitidos de geração em geração.

Isso significa que a aprendizagem é um processo contínuo que envolve a interação constante do indivíduo com o ambiente e a estimulação dos neurônios por meio de experiências e novos conhecimentos. Esses estímulos podem vir de diversas fontes, como a educação formal, as interações sociais, as atividades físicas e culturais, entre outras.

Atualmente entendemos como, "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" (FREIRE, 2001, p. 47). Essa citação reflete a visão crítica e construtiva da educação proposta por Dermeval Saviani. O autor defende um modelo de ensino que privilegie a participação ativa do estudante na construção do seu conhecimento, promovendo uma educação mais democrática e inclusiva.

Na rede estadual de ensino, essa perspectiva tem ganhado cada vez mais espaço, com a adoção de metodologias que incentivam a colaboração e o diálogo entre professores e estudantes. No entanto, é importante ressaltar que ainda existem desafios a serem enfrentados, especialmente no que diz respeito à disseminação inconsistente dessas estratégias em diferentes áreas do conhecimento.

Na área de Geografia, por exemplo, é comum observar uma abordagem conteudista, que prioriza a memorização de informações e não estimula a reflexão crítica sobre as questões sociais e ambientais envolvidas nos temas abordados. É fundamental que os professores dessa disciplina sejam sensibilizados para a necessidade de uma abordagem mais participativa e transformadora da realidade.

CAPÍTULO 2 - A PROPOSTA DA “EXCURSÃO GEOGRÁFICA” DE DELGADO DE CARVALHO (1941)

O artigo A excursão geográfica foi publicado por Delgado de Carvalho em 1941 pela Revista Brasileira de Geografia, promovida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cujo material contendo 10 páginas fora capaz de evidenciar a preocupação com a maneira de aprender fora da sala de aula em uma simples excursão, retratada por Carvalho como um método mais que eficaz do ensino e aprendizagem e indispensável ao ensino.

O artigo encontra-se dividido em quatro partes na qual a primeira destaca o “O sentido geográfico”, na segunda parte “As excursões geográficas”, na terceira “O estudo da paisagem” e na quarta “O estudo das comunidades”.

A primeira parte é abordada pelo autor sob uma extensa leitura do livro “A natureza da Geografia” escrita por *Richard* Hartshorne, cuja intenção era abordar como a descrição geográfica é inviável a ser mútua e contínua, por conta do suas variadas interpretações em diferentes países. Desta maneira ressalta a importância de analisar cada uma delas a fim de compreender o objetivo sólido que em qualquer lugar há. (CARVALHO, 1941, p. 96).

Delgado de Carvalho considerava que não há uma significação concreta para definir o conceito geográfico, e que desta maneira vale pensar em formas variadas em suas principais características, estando estas na particularidade

de significação geográfica ancoradas em *Richard Hartshorne* e sobre sua percepção de em variados países se chegam a essa mesma conclusão.

[...] encontrei, digo, a seguinte frase que acho indispensável comunicar a meus colegas: "Não existe conjunto algum de regras capazes de determinar quais os fenômenos, em geral, que são de significação geográfica". E para não nos alarmar com semelhante conclusão de tão exaustivo inquérito entre autores americanos, alemães, franceses, escandinavos e japoneses, o autor acrescenta: "Isto é uma questão que só pode ser determinada, em casos particulares, levando em conta a importância direta dos fenômenos em relação à diferenciação topográfica ou a" sua importância indireta por meio da relação de causalidade com outros fenômenos".] (HARTSHORNE, 1899, CARVALHO, 1941, p.96. APUD).

Mediante ao ensino de Geografia, Carvalho enfatiza três características da Geografia moderna; a nomenclatura, a descrição e a explicação, assim estas três andam unidas a fim de prover uma utilidade prática ao professor de Geografia, assim como a sua interdisciplinariedade entre as demais ciências sociais, sendo uma vantagem da disciplina de Geografia (CARVALHO, 1941, p.96).

A relações com as ciências sociais principalmente a História, segundo Hartshorne faz com que passe despercebido o entrelaçamento dos saberes geográficos nas demais disciplinas, por eventualmente ser considerada difícil sua complexibilidade por estar intercalada como um todo nas ciências sociais.

Em realidade, o que precisamos, em Geografia, é constatar os extremos. Devemos fazer o seguinte raciocínio, em substância: A Geografia é um ramo de conhecimentos, digamos mesmo uma ciência, que tem um valor educativo na formação do indivíduo. Ela nos interessa sobretudo. sob o ponto de vista humano. É pois uma ciência social e, por isso, não é totalmente independente das demais ciências sociais; mais ainda, deve colaborar com as ciências sociais, deve contribuir para elas. (CARVALHO, 1941, p.96)

A argumentação usada por Carvalho para designar um rumo a excursão geográfica advém da natureza social que a Geografia está inserida em um trabalho científico complexo e desta maneira deve ser acompanhada não só da formação profissional, mas também da experiência de campo, ou seja, tornar o

espaço como a realidade do espaço-temporal e a paisagem como um conhecimento particular quando se trata da ciência geográfica.

O papel da Geografia na educação dá o sentido de posição, a "consciência de posição" para fatores isolados em relação às causas físicas e sociais que diferenciam as regiões da Terra. O caminho que leva ao olhar geográfico de posição é dado de dois modos. O primeiro é mais abrangente, mais geral, pois consiste em colocar o estudante em condições de localizar o fato ou o fenômeno inserido no modo natural e completo e nesse mesmo momento ser capaz de sobrepor o tempo e a situação, topografia do ambiente, clima, e sua posição em relação à ocupação humana, divisão política, linhas de circulação e comunicações, essas relações somente se tornam importantes quando estão em um complexo, tornando assim um valor geográfico.

A representação geográfica de um lugar advém de muitos conceitos e princípios, mas partindo do ponto de vista de Delgado de Carvalho foi ele o primeiro a efetuar a divisão regional do Brasil, em 1913, com base nos elementos do meio físico e a posição geográfica dividiu o país em cinco regiões: Brasil Setentrional ou Amazônico (na qual inclui o Acre, Amazonas e Pará); Brasil Norte-Oriental (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas); Brasil Oriental (Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal e Minas Gerais); Brasil Meridional (São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e Brasil Central (Goiás e Mato Grosso). Foi no Anuário Estatístico do Brasil, de 1938, que publicou a divisão, cujo uso era voltado para o Ministério da Agricultura.

Em 1942 o Diário Oficial da União publicou uma divisão oficial do Brasil, pela qual também estava baseada na posição geográfica e nos aspectos físicos do território, elementos considerados como tendo uma maior estabilidade de comportamento classificados por Delgado de Carvalho.

O Brasil, então, passa a ter uma proposta de divisão nova que, a partir das regiões naturais, se sobrepunha aos limites político-administrativos dos Estados e aos interesses regionalistas de suas oligarquias agrárias.

É a partir da obra de Delgado de Carvalho que o conceito de região e a metodologia para a regionalização ganham maior consistência com a influência da Escola Determinista Ambiental e o conceito de "região natural". Delgado de Carvalho acreditava que somente a correlação de elementos do meio físico deveria ser considerados na divisão regional, já que os fatores humanos seriam demasiadamente

dinâmicos e mutáveis, impossibilitando uma regionalização duradoura. (AFFONSO DA SILVA, 2002, p. 2).

As propostas de Delgado de Carvalho advinham de uma preocupação da heterogeneidade, das considerações políticas e naturalidade semelhantes, a divisão regional tinha como finalidade para uso de recursos didáticos, como mostra o quadro abaixo.

Quadro 1- Algumas propostas de divisões regionais do Brasil por Delgado de Carvalho e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

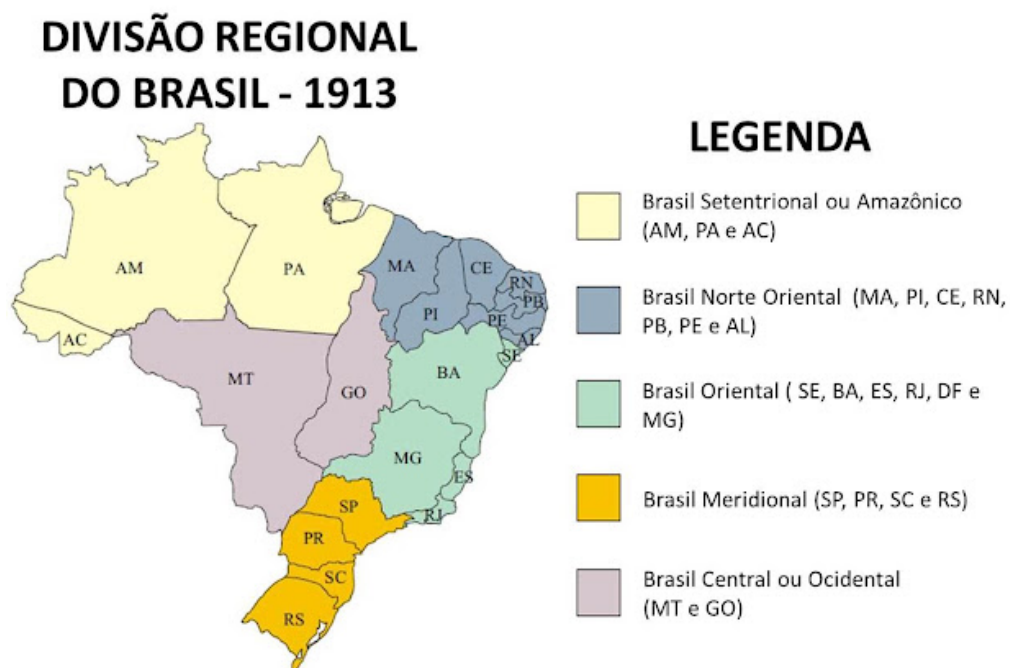
Autor	Composição	Observações Gerais
Delgado de Carvalho-1913	5 regiões	<ul style="list-style-type: none"> - Divisão em “regiões naturais”: baseada no relevo clima e vegetação - Presença de subdivisões devido a heterogeneidade das grandes regiões; - Mantém unidade política; - Elaborada para fins didáticos.
Anuário Estatístico do Brasil –1938	5 regiões	<ul style="list-style-type: none"> - Baseada na divisão realizada pelo Ministério da Agricultura; - Adotada pelo IBGE.

Conselho Técnico de Economia e Finanças- 1939	5 regiões	<ul style="list-style-type: none"> - Baseada na proposta de Delgado de Carvalho; - Grandes regiões: critérios físico/naturais - Subdivisões critérios socioeconômicos; - Mantém a unidade política; - Elaborada para fins estatísticos.
---	-----------	--

Fonte: IBGE

Organizado pela autora

Figura 2- Divisão Regional do Brasil por Carlos Miguel Delgado de Carvalho



DELGADO DE CARVALHO

Fonte: Geografia Show (2016)

A divisão regional do Brasil proposta por Delgado de Carvalho em 1913 foi um dos primeiros esforços significativos para classificar e regionalizar o território brasileiro com base em critérios geográficos e socioeconômicos. Delgado de Carvalho, um engenheiro civil e geógrafo brasileiro, publicou um livro intitulado "Notas de Geografia Econômica", no qual apresentou sua proposta de divisão regional do Brasil.

A proposta de Delgado de Carvalho baseava-se principalmente em critérios naturais, como relevo, clima, vegetação e recursos naturais. Ele dividiu o país em quatro grandes regiões: Norte, Nordeste, Centro-Sul e Sul. Essa divisão considerava as características geográficas e as diferenças socioeconômicas entre as regiões.

A região Norte era caracterizada por sua vasta floresta amazônica, clima equatorial e abundância de recursos naturais, como a borracha e a castanha. O Nordeste, por sua vez, era marcado pelo clima semiárido, a presença do sertão e a economia baseada na agricultura de subsistência e na produção de cana-de-açúcar.

A região Centro-Sul, que englobava o Sudeste e parte do Centro-Oeste, era considerada a região mais desenvolvida e industrializada do país. Essa região contava com a presença de grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, além de uma economia diversificada e avançada.

Já a região Sul era caracterizada pelo clima temperado, relevo mais acidentado e uma economia voltada para a agropecuária, especialmente a produção de trigo e a criação de gado.

Embora a proposta de Delgado de Carvalho tenha sido uma das primeiras tentativas de regionalização do Brasil, ela foi posteriormente substituída por outras abordagens mais atualizadas e detalhadas. No entanto, sua divisão regional estabeleceu uma base importante para estudos posteriores sobre a geografia e a diversidade socioeconômica do Brasil.

A divisão regional sempre foi uma preocupação dos envolvidos principalmente com a política, pois essa divisão dizia muito sobre o crescimento econômico do local, ou seja, a divisão regional passa a ser mais ampla e economicamente pensada do que apenas divisões através de características diferentes e específicas da natureza do local.

No cenário em que Delgado de Carvalho elaborou sua teoria do conceito de região e o método que considerava para regionalização tem uma base influenciada pela Escola Determinista Ambiental o que liga diretamente a pensar somente no conceito de “região natural”, ou seja somente elemento natural desse meio físico importavam, pois quando atrelados aos fatores humanos passavam a ser dinâmicos e mutáveis, o que impossibilitava para Carvalho uma divisão regionalista concreta e duradoura pelo decorrer dos anos (AFFONSO DA SILVA, 2002).

Dessa forma, as “regiões naturais” foram a base para a divisão em macrorregiões para fins didáticos e estatísticos e as “regiões humanas” foram a base para a divisão em pequenas áreas, denominadas de zonas fisiográficas, para fins administrativos, realizada pelo IBGE em 1945. (AFFONSO DA SILVA, 2002, p.2).

A divisão regional então tem vários focos e muitas vezes são casos isolados que variam de cada pensador sobre o tema, por hora sobre o relevo, pela vegetação, pela economia, pelas relações sociais. Contudo em semelhança a todas essas classificações terão sempre características únicas em cada uma delas que geram assim no final essas “regiões naturais” que podem variar de quantidades de divisões regionais, sendo mais que cinco ou até menos.

Como o ensino de Geografia necessitava ser modernizado e ocorresse, Delgado de Carvalho aprendeu a língua portuguesa, e somente assim publicou seu primeiro livro em português “*Geographia do Brasil*” em 1913, que-fora dedicado ao Imperador que conheceu em Paris, quando ainda jovem. A obra ficou tão bem conhecida que posteriormente o classificaria como “pai da Geografia moderna no Brasil”

Contudo, Delgado de Carvalho também concordava que tendências modernas de Geografia estariam ligadas diretamente em investigação baseadas no humanismo, e acreditava que seriam de extrema excelência para estudar a sociedade e as relações individuais, mas, contudo, nunca descartava sua base metodológica e conceitual que a parte científica e já pensada por ele como modelo de regionalização.

Uma das novas tendências da Geografia é a de se tornar cada vez mais humana nas suas investigações. O humanismo, no sentido de

estudos clássicos e modernos de tudo quanto pode interessar o homem como intelectual e pensador, não deve excluir o conhecimento científico de seu habitat, das ações e reações desse habitat sobre as condições de vida (CARVALHO, 1925, apud, ALBUQUERQUE, 2009, p.4).

Portanto, a qualidade do ambiente em que vivemos e a nossa exposição a estímulos adequados são fatores críticos para a aprendizagem e o desenvolvimento saudável do cérebro. Nesse sentido, é importante fornecer uma educação que estimule a curiosidade, a criatividade e o pensamento crítico, bem como promover um estilo de vida saudável e uma cultura que valorize a aprendizagem contínua.

2.2 A EXCURSÃO GEOGRÁFICA

Delgado de Carvalho propõe e aprofunda a ideia de que uma excursão geográfica é fundamental para a Geografia, já que permite a observação direta das características dos lugares e sua situação no espaço. Como um instrumento em formato de guia para professor ressalta a importância e aprofunda a ideia de que a Geografia não se restringe apenas à descrição do espaço físico, mas também envolve aspectos sociais, culturais e econômicos que contribuem para a construção das paisagens.

A excursão geográfica apresentada por Delgado de Carvalho tinha como objetivo aproximar os alunos do objeto de estudo e fornecer-lhes a oportunidade de observar e compreender os fenômenos geográficos na prática. É enfatizado que a excursão deve ser planejada de acordo com a faixa etária e nível de conhecimento dos alunos, e que é importante que eles sejam guiados na análise e interpretação dos dados coletados.

O texto aborda ainda as etapas da excursão geográfica, que incluem a escolha do local, o preparo dos alunos, a coleta de dados, a análise dos dados e a elaboração do relatório. São apresentadas sugestões de atividades que podem ser realizadas durante a excursão, como a observação das formas do relevo, a identificação de elementos culturais e a análise do uso do solo.

Por fim, esse documento norteador, acaba por destacar a importância da excursão geográfica como um método de ensino dinâmico e efetivo, que

possibilita aos alunos uma experiência única de aprendizado e uma compreensão mais profunda dos fenômenos geográficos que os cercam.

Em busca de compreender melhor a eficácia da prática geográfica, Delgado de Carvalho buscou uma conexão com a natureza e o meio ambiente.

A excursão permitiu que Delgado de Carvalho e seus companheiros se conectassem mais com a natureza e o meio ambiente, entendendo como as condições geográficas impactam na biodiversidade e dos recursos naturais. Durante a excursão, Delgado de Carvalho também teve contato com as culturas e costumes das diferentes regiões que visitou, enriquecendo sua bagagem cultural e compreensão da diversidade do país resultando em um “enriquecimento cultural”.

Foi uma oportunidade para que Delgado de Carvalho pudesse aplicar na prática os conhecimentos teóricos que havia adquirido em seu estudo de Geografia, observando in loco as diferentes paisagens, formações geológicas e fenômenos naturais. Propondo a si mesmo um maior estímulo à pesquisa e produção acadêmica.

A partir das experiências vivenciadas durante a excursão, Delgado de Carvalho pôde desenvolver um vasto campo de pesquisa e produção acadêmica, contribuindo significativamente para o estudo da Geografia do Brasil.

Delgado de Carvalho, reconhecido como geógrafo brasileiro, defendia que a excursão geográfica é uma importante aliada para o ensino de Geografia e outras áreas do conhecimento. No entanto, para que a excursão seja eficiente e produza resultados relevantes, é necessário que os professores tenham orientada é uma importante ferramenta de aprendizagem, que permite aos alunos vivenciar de forma prática os conceitos teóricos aprendidos em sala de aula e entrar em contato com a realidade do meio ambiente e da paisagem.

Segundo Delgado de Carvalho, para que a excursão geográfica fosse eficiente e proporcionasse resultados satisfatórios, é necessário que o professor adote algumas orientações. A primeira delas é o planejamento cuidadoso da atividade, que deve ser previamente organizada, com a definição de objetivos claros e uma rota a ser percorrida. É importante também considerar o perfil do grupo de alunos e suas necessidades, e escolher um local adequado para a atividade.

Durante a excursão, o professor deveria utilizar diferentes estratégias para estimular a observação, a análise e a reflexão dos alunos sobre os elementos geográficos encontrados no percurso. É importante que as informações transmitidas sejam simples, objetivas e relevantes, e que se faça uso de recursos audiovisuais e de materiais didáticos para facilitar a compreensão dos conceitos.

Além disso, Delgado de Carvalho preconizava que o professor deveria explorar as múltiplas dimensões da paisagem, considerando o seu aspecto físico, humano e cultural. Para isso, era fundamental que fossem realizadas entrevistas com a população local, visitas a pontos turísticos e históricos e a análise das dinâmicas e processos socioambientais que ocorrem na região.

Por fim, é importante ressaltar que a excursão geográfica deveria estar em consonância com a proposta pedagógica da instituição de ensino e ser acompanhada de uma avaliação sistemática do desempenho dos alunos. Assim, a atividade se torna um importante instrumento de aprendizagem, que permite aos alunos a aquisição de conhecimentos e habilidades importantes para o desenvolvimento de uma sociedade mais comprometida com a preservação e a valorização do meio ambiente e do patrimônio cultural.

A seguir destacamos as questões problematizadoras elencadas por Delgado de Carvalho em 1941.

Quadro 2- Questões problematizadoras e seus respectivos temas, citados por Delgado de Carvalho em “Excursão geográfica”

Temas/ Dimensões	Questões problematizadoras
Relevo e Paisagem	Limitada pelo horizonte visual, qual a vista que temos, qual o qualificativo geográfico que lhe cabe? É planície ou é relêvo ¹ ? qual a <i>posição das camadas rochosas</i> ? É <i>dobramento, fratura</i> ou simples <i>erosão</i> ? Qual o aspecto do relêvo da região, as <i>partes baixas</i> , as <i>altas</i> - meias laranjas ou taboleiros, picos acantilados, paredões ou simples ondulações? onde estão <i>acumuladas as areias</i> ? quais os desgastos das margens côncavas? <i>enchentes</i> , sua frequência, sua altura <i>normal e anormal</i> ?

¹ Mantivemos a ortografia de época nesta transcrição e nas demais do texto.

Levantamento histórico	Qual o município que visitamos? Quando foi criado? Quais foram os seus primeiros ocupantes? Onde estabeleceram-se? Que faziam? De onde vinham e porque vieram?
Observação socioespacial	Onde se acham, na paisagem geográfica, os pontos habitados? Como estão agrupados? Porque estão agrupados do seguinte modo: na orla do mato, na várzea ou no espigão? á beira da estrada no alto ou no baixo, perto do córrego? A que distância da vegetação mais densa? Onde fica situada a habitação rural típica da zona em relação aos mananciais d'água?
Recursos hídricos	De onde proveem as águas? São pluviais de nascentes de poços, de córregos ou rios? Qual o aparelhamento geralmente em uso para sua obtenção?
Tipos e características de moradias	Qual o material para arcabouço e para paredes: pau a pique, barrote, taipa, adobe ou madeira, tijolos, pedra, etc.? Se puder ser notada alguma diferença entre uma casa velha e uma casa nova nos seus respectivos materiais e tipos de construção, a observação será preciosa. Qual a côr do rebôco ? Qual é o clima que o telhado, nesta zona, precisa enfrentar? Qual o material? Sapé, fôlha de palmeiras, zinco, ardósias, telhas ou madeira lascada? Qual a sua inclinação? Quantas águas e que forma apresenta? É forrado ou de telha vã? Comporta um depósito ou cômodos?
Geografia agrícola	Como são distribuídos os campos de cultura? Quais as suas formas características? Quais as suas cercas?
Trabalho e agricultura	Quais os animais usados no trabalho agrícola? a lavoura é de enxada, de arados ou já dispõe de aparelhos mecânicos?

Fonte: CARVALHO (1941)

Organizado pela autora

Para compreender assim a ideia central de Delgado de Carvalho sobre as orientações a serem seguidas pelos professores, conforme o artigo A

Excursão Geográfica foi separado por áreas do conhecimento dentro da própria Geografia, que ressalta ainda mais a amplitude da análise em uma excursão geográfica e a ligação direta que totaliza e finaliza quando se trata do contexto geral estudado sobre o local, sendo visível a margem crítica e conhecedora de quem analisa.

De acordo com a tabela é possível compreender os nortes que Carvalho propunha, a fim de indagar aos alunos maneiras descritivas de observações feitas em campo. Atualmente essas questões problematizadoras são feitas em exercício em resumos e relatórios que consideram a livre análise por parte do aluno, a fim do docente compreender quais aspectos do campo houve uma observação crítica e que envolva os temas já aprendido em sala com as aulas de Geografia.

É importante ressaltar que quanto às questões problematizadoras a serem abordadas pelo professor para os alunos, Carvalho explica que há perguntas que têm o caráter resumido, ou seja, pós campo e questões cujo interesse está em dialogar e anotar durante o próprio campo. Nos dias atuais, os trabalhos de campo permitem que o professor utilize o recurso dos aparelhos eletrônicos de mídia, cuja funcionalidade é possibilitar ao aluno responder essas perguntas de caráter visual a partir de uma fotografia em suas casas ou ao retornar do campo.

Durante suas excursões geográficas, Delgado Carvalho considerava algumas perguntas fundamentais para entender o ambiente natural e as relações humanas com o espaço em análise. Essas questões eram baseadas em sua vasta experiência e conhecimento na área, e tinham como objetivo fornecer uma visão ampla e completa sobre o local estudado.

A primeira sequência de perguntas que Delgado Carvalho considerava importante eram sobre as características físicas do local. Ele investigava a topografia, o clima, o solo, a vegetação e a fauna para entender as condições naturais em que a paisagem se desenvolveu. Ele também considerava a localização geográfica, o tamanho e as fronteiras do espaço estudado para entender sua posição em relação ao mundo exterior.

Em seguida, Delgado Carvalho se concentrava nas questões humanas relacionadas ao espaço. Ele explorava a história do local, a cultura, a demografia e a economia para entender como as pessoas se relacionavam

com o ambiente e como suas decisões influenciavam a paisagem. Ele também avaliava a infraestrutura local, como estradas, pontes, escolas e hospitais, para entender o desenvolvimento humano naquele lugar.

Outra questão importante para Delgado Carvalho era sobre as mudanças que estavam ocorrendo no ambiente natural e humano com o acelerado processo de industrialização e urbanização em decorrência da Segunda Guerra Mundial. Ele avaliava as ameaças ambientais como desmatamento, desertificação e poluição, além de investigar a urbanização, a globalização e outros fenômenos sociais que estavam transformando o espaço estudado.

Embora seja reconhecido como um pioneiro na divisão regional do Brasil, sua visão limitada sobre a interação entre os seres humanos e o ambiente natural é objeto de críticas acaloradas.

Os críticos argumentam que a abordagem de Carvalho desconsiderava o importante papel desempenhado pelo ser humano na configuração e transformação da paisagem. Ao enfatizar a importância dos critérios naturais, como relevo, clima e vegetação, ele negligenciava as influências culturais, históricas e econômicas que moldaram as diferentes regiões do país.

Ao adotar essas perguntas e práticas de investigação em suas excursões geográficas, Carvalho contribuiu significativamente para o avanço do conhecimento sobre a relação entre os seres humanos e o ambiente natural. Seu legado ainda é fonte de inspiração para muitos geógrafos e pesquisadores que seguem buscando entender e transformar o mundo que habitamos.

Este novo modelo de ensino que ele propunha consistia em unir teoria e prática para que os alunos pudessem aprender de forma mais eficiente. Esse método é especialmente importante quando se trata de Geografia, onde é essencial que o aluno entenda como o conhecimento na teoria é aplicado na prática.

Essa abordagem de ensino de Geografia ajuda os alunos a entenderem o mundo ao seu redor de uma maneira mais consciente. Ela permite que os alunos tenham uma compreensão maior sobre as influências ambientais, sociais, políticas e econômicas que moldam a paisagem geográfica. E isso, não só ajudará na compreensão do mundo, mas também será uma ferramenta

extremamente eficaz à medida que os alunos se preparam para entrar no mercado de trabalho.

Ao adotar o ensino prático, os alunos são incentivados a trabalhar em projetos no mundo real, a estudar casos da vida real, a entender como as teorias são aplicadas e a fazer análises críticas e concretas do conhecimento em tese. Isso torna o aprendizado mais interessante e motivador, e o aluno começa a ver a Geografia não apenas como uma disciplina acadêmica, mas sim como uma ferramenta que pode ser usada para entender a realidade ao seu redor.

Também sobre o uso da problematização com base no conhecimento prático atrelado ao teórico temos João Luiz Gasparin (2002), que tem como foco a problematização que deve ir além da transmissão de conhecimentos e deve ser capaz de desenvolver no aluno o pensamento crítico e criativo.

Através de suas análises é questionada o papel da educação no mundo atual e a forma como ela é conduzida. Para ele, a educação deve ser capaz de enfrentar os desafios da sociedade contemporânea, promovendo a transformação social e a construção de um mundo mais justo e igualitário.

Para o autor a problematização é uma estratégia pedagógica que ajuda a desenvolver nos alunos a habilidade de entender, analisar e solucionar problemas do mundo real, de acordo com os conhecimentos prévios adquiridos em uma conversa entre professor e aluno, no intuito de nortear o conteúdo de conforme o nível de conhecimento da sala de aula. Dessa forma, o aluno não apenas acumula informações, mas se torna capaz de aplicá-las em situações concretas buscadas em seu dia a dia, contribuindo para a construção de uma sociedade mais consciente e participativa.

O estudo da Geografia por si só se tornou um desafio para aplicar assim as questões atreladas a consolidação do conhecimento espacial, crítico e social da atualidade.

Ao combinar teoria e prática, os alunos são capazes de entender melhor o mundo ao seu redor, e o processo de ensino- aprendizagem se tornar um processo ativo devido a inserção do aluno como figura principal dentro da educação, sendo resultado de uma série de eventos pós 1930 que ocorreu no Brasil com a Escola Nova.

John Dewey foi um filósofo e educador americano que viveu entre 1859 e 1952. Ele foi um defensor da educação progressista e da aprendizagem experiencial e é considerado um dos fundadores da pedagogia moderna.

Portanto, a vida e a educação são indissociáveis e a aprendizagem ocorre no contexto da vida cotidiana, em um processo de constante interação entre o indivíduo e o meio ambiente. Nesse sentido, a educação não deve ser vista como um processo isolado, mas como parte integrante da vida do indivíduo, e o objetivo deve ser formar cidadãos capazes de lidar com as demandas do mundo contemporâneo de forma crítica e consciente. “A educação torna-se, desse modo, uma ‘contínua reconstrução de experiência” (DEWEY, 1989, p. 7).

Dewey acreditava que a educação deve ser centrada na experiência do aluno e que o aprendizado não deve ser separado da vida diária. Ele também acreditava que a educação deve ser prática e voltada para resolver problemas reais.

[...]se desfizessem da ideia funesta de que há uma oposição (mais que uma diferença de grau) entre a experiência infantil e os diversos temas que constituirão o currículo no decorrer de seus estudos. No que se refere à criança, há de se saber que sua experiência já contém em si os elementos – fatos e verdades – do mesmo tipo dos constitutivos dos estudos elaborados pelos adultos e o mais importante: sob que forma contém as atitudes, os incentivos e os interesses que contribuíram para desenvolver e organizar os programas logicamente ordenados. No que diz respeito aos estudos, trata-se de interpretá-los como o resultado orgânico das forças que intervêm na vida infantil e de descobrir os meios de brindar à experiência da criança uma maturidade mais rica (DEWEY, 1902, p. 277-278)

Atualmente, aplicar uma excursão geográfica em uma escola da rede estadual de ensino básico pode ser um desafio para os professores.

Os principais obstáculos encontrados são a falta de recursos financeiros e a resistência dos professores. É comum que as escolas públicas tenham orçamentos reduzidos, o que pode tornar difícil o financiamento de uma excursão. É preciso buscar alternativas como parcerias com empresas ou instituições que possam ajudar no custeio, além de um maior investimento da rede de ensino para esse tipo de atividade.

Outro obstáculo é a dificuldade em conciliar as agendas dos alunos e dos professores. É importante que a excursão seja realizada em um período que não atrapalhe o andamento das atividades escolares, e se for ultrapassada a carga horária, uma alternativa é aproveitar feriados e fins de semana para a realização do trabalho de campo.

Ainda há a dificuldade em conseguir a autorização dos pais ou responsáveis pelos alunos. É preciso informar detalhadamente sobre o local a ser visitado, os objetivos da excursão e os cuidados de segurança que serão tomados. Além disso, é importante deixar claro que a participação dos alunos é opcional, porém essencial para o aprendizado dos mesmos.

Apesar desses obstáculos, existem formas eficazes de passar por eles. Uma delas é buscar o apoio da direção da escola, que pode ajudar na organização e na busca por financiamento. Além disso, é importante envolver os alunos na preparação da viagem, tornando-os parte ativa do processo, tornando assim estudantes autônomos e críticos sobre quaisquer os obstáculos enfrentados durante e antecipadamente a excursão.

Outra forma eficaz é contar com a ajuda de voluntários, como pais de alunos ou membros da comunidade local. Eles podem auxiliar na logística da excursão e na segurança dos alunos durante a execução.

Em resumo, a organização de uma excursão geográfica pode ser um desafio para os professores, mas com planejamento, organização e envolvimento da comunidade escolar, é possível superar esses obstáculos e proporcionar uma experiência educativa significativa e enriquecedora para os alunos.

Nos dias atuais, principalmente na área acadêmica, houve a transformação da expressão excursão geográfica para trabalho de campo. Esta mudança reflete um avanço no enfoque e na finalidade da atividade. Excursões geralmente têm uma conotação mais recreativa e turística, enquanto o trabalho de campo tem uma proximidade acadêmica e científica.

Apesar da mudança de nomenclatura o que se mantém foi o objetivo de propiciar uma experiência mais direta e aprofundada sobre o conteúdo estudado em sala de aula.

Hoje em dia, o trabalho de campo é a expressão utilizada para designar as atividades acadêmicas que envolvem uma saída do ambiente escolar com o

intuito de realizar estudos e pesquisas em campo. Dessa forma, ele se tornou um processo fundamental para o aprendizado e aprofundamento dos conteúdos, além de contribuir para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais e cognitivas dos estudantes.

A seguir encontram-se descritas e comentadas as questões problematizadoras, sugeridas por Delgado de Carvalho para as saídas a campo, separadas por questões de relevo e paisagem; levantamento histórico; observação socioespacial; recursos hídricos; tipos e características de moradias; e Geografia agrícola envolvendo trabalho e agricultura.

Quadro 3- Relevo e paisagem

Questões problematizadoras	Relevo e paisagem
1	Limitada pelo horizonte visual, qual a vista que temos, qual o qualificativo geográfico que lhe cabe?
2	É planície ou é relêvo ² ? qual a <i>posição das camadas rochosas</i> ?
3	É <i>dobramento, fratura</i> ou simples <i>erosão</i> ? quais os desgastos das margens <i>côncavas</i> ? <i>enchentes</i> , sua frequência, sua altura <i>normal e anormal</i> ?
4	Qual o aspecto do relêvo da região, as <i>partes baixas</i> , as <i>altas</i> - meias laranjas ou taboleiros, picos acantilados, paredões ou simples ondulações? onde estão <i>acumuladas as areias</i> ?
5	quais os desgastos das margens <i>côncavas</i> ? <i>enchentes</i> , sua frequência, sua altura <i>normal e anormal</i> ?

Fonte: Carvalho (1941)
Organização feita pela autora

Questão problematizadora 1

Conforme o quadro dois a questão problematizadora um, ao perguntar ao aluno sobre como a paisagem de forma geral em uma análise simplificada de como ela está limitada pelo horizonte visual e qual vista eles têm é

² Mantivemos a ortografia de época nesta transcrição e nas demais do texto.

importante pois em um trabalho de campo isso permite uma compreensão mais profunda do contexto geográfico ainda que de maneira inicial e geral por parte dos alunos, e da percepção do ambiente na visão em que eles se compreendem sobre o termo paisagem. Essas perguntas ajudam a identificar os elementos visíveis na paisagem, bem como a influência do horizonte na extensão da visão. Ao compreender esses aspectos, é possível atribuir um qualificativo geográfico adequado à paisagem em questão, como panorâmica, ampla, limitada ou diversificada.

Essa questão problematizadora inicial também estimula com que o aluno indague a si mesmo e relembre sobre o tema tratado em sala, cujo aprendizado gerou um conceito dentro da sala de aula sem o contato prático.

Questão problematizadora 2

Ao chegar na questão problematizadora 2 ao perguntar se a paisagem é planície ou relevo e qual a posição das camadas rochosas em um trabalho de campo, o professor idealiza estimular os alunos a observar e analisar as características geológicas e topográficas do local. Essas perguntas visam desenvolver o pensamento geográfico e a capacidade dos alunos de identificar e interpretar diferentes formas de relevo e estruturas rochosas.

A distinção entre planície e relevo permite uma compreensão inicial da configuração do terreno e das variações altimétricas presentes na paisagem. A identificação das camadas rochosas fornece informações adicionais sobre a formação geológica do local, podendo revelar aspectos como a história geológica, a presença de rochas sedimentares, metamórficas ou ígneas, e até mesmo fenômenos como a erosão e a sedimentação.

Ao fazer essas perguntas, o professor incentiva os alunos a observarem detalhes, a aplicarem conceitos geográficos aprendidos e a compreenderem a relação entre as características do relevo e a geologia local. Essa abordagem promove uma compreensão mais aprofundada do ambiente, estimula a curiosidade e o pensamento crítico, além de desenvolver habilidades de investigação e análise geográfica.

Questão problematizadora 3

Ao professor perguntar sobre se a paisagem é resultado de dobramento, fratura ou simples erosão, e sobre os desgastes das margens côncavas, enchentes, sua frequência, altura normal e anormal, o aluno pode pensar em diversas questões e reflexões:

Uma dessas reflexões é atrelada aos processos geológicos e compreender na prática e na realidade a importância e o final até a atualidade sobre esses processos geológicos que podem ter moldado a paisagem em que estão observando. Eles podem pensar em como o dobramento de camadas rochosas, a fratura de blocos ou a erosão ao longo do tempo podem ter contribuído para a formação do relevo observado.

Vale ressaltar que as perguntas também abordam as características das margens côncavas, o que possibilita ao aluno refletir sobre os desgastes das margens côncavas e buscar entender quais forças ou processos podem ter causado esse desgaste. Eles podem pensar em processos fluviais, como a erosão causada pelo fluxo de água ao longo das margens ou a ação de outros agentes erosivos, como o vento.

Enchentes: O aluno pode considerar a ocorrência de enchentes na área estudada. Eles podem refletir sobre as possíveis causas das enchentes, como a topografia do terreno, o escoamento das águas pluviais, a capacidade de drenagem do solo e a influência de fatores climáticos. Também podem pensar na frequência das enchentes e nas consequências que elas trazem para a região.

Quando o aluno recebe a pergunta sobre as enchentes ele deve lembrar e reconhecer o nível que a água atinge regularmente em condições normais daquela paisagem, e comparar isso com a altura anormal, que representa um evento extremo. Eles podem pensar nas possíveis causas das variações de altura, como o volume de chuvas, a capacidade de armazenamento e escoamento dos corpos d'água, e a interação com outros fatores ambientais e humanos.

Tais questionamentos estimulam o aluno a pensar criticamente sobre os processos naturais e sua interação com o ambiente, bem como a compreender as transformações geográficas ocorridas na área de estudo. Além disso,

incentivam a observação, análise e interpretação de diferentes fenômenos geográficos.

Questão problematizadora 4

Ao fazer esse agrupamento de perguntas aos alunos sobre o aspecto do relevo da região, as partes baixas e altas, as formas como meias laranjas ou tabuleiros, picos acantilados, paredões ou simples ondulações, e onde estão acumuladas as areias, ele está buscando que o aluno analise e descreva as características geomorfológicas da área estudada.

Com essa questão problematizadora reforça o conceito de aspecto do relevo, que segundo Delgado de Carvalho o aluno descreve como o relevo se apresenta visualmente. Sendo o aluno capaz de saber se há partes baixas, áreas planas ou com suaves declives, ou se há partes mais elevadas, como colinas, montanhas e picos íngremes.

Essas perguntas visam desenvolver a capacidade dos alunos de reconhecer e descrever as formas do relevo, identificar diferentes tipos de paisagens e compreender os processos naturais que atuam na modelagem do terreno. Também incentivam a observação detalhada e a aplicação de conceitos geográficos relacionados à geomorfologia.

Questão problematizadora 5

Segundo Delgado de Carvalho, incentivar os alunos a observar os desgastes das margens côncavas, as enchentes, sua frequência e altura normal e anormal durante uma excursão geográfica é importante por diversos motivos:

Quando se incentiva os alunos a observar e analisar os desgastes das margens côncavas, as enchentes e suas características durante uma excursão geográfica permitem que eles ampliem seus conhecimentos sobre o ambiente natural, compreendam as dinâmicas dos processos geográficos e desenvolvam uma consciência mais crítica e responsável em relação aos riscos e impactos ambientais.

Quadro 4 – Levantamento Histórico

Questões problematizadoras	Levantamento Histórico
6	Qual o município que visitamos?
7	Quando foi criado?
8	Quais foram os seus primeiros ocupantes?
9	Onde estabeleceram-se?
10	Que faziam?
11	De onde vinham e porque vieram?

Fonte: Carvalho (1941)
Organização feita pela autora

Questão problematizadora 6

Quando Delgado de Carvalho sugere que se pergunte aos alunos sobre qual município eles visitaram, ele espera que os alunos identifiquem e reconheçam o nome do município em que a excursão geográfica está ocorrendo. Essa pergunta visa avaliar a capacidade dos alunos de situar-se geograficamente, entender a localização específica do lugar visitado e relacionar essa informação com o contexto geográfico mais amplo.

Ao responder a essa pergunta, os alunos demonstram que são capazes de aplicar conhecimentos geográficos, como a noção de divisão territorial e a identificação de municípios, a fim de situar-se no espaço e compreender a realidade geográfica do local em que se encontram. Essa habilidade é importante para a compreensão mais ampla do território, para a conexão entre os elementos geográficos e para a análise dos processos e fenômenos que ocorrem em determinada área.

Além disso, responder corretamente ao questionamento de Delgado de Carvalho sobre o município visitado também mostra o engajamento e o envolvimento dos alunos na excursão geográfica, demonstrando que eles estão atentos ao local onde estão realizando suas observações e estudos de campo.

Isso contribui para o desenvolvimento de uma consciência geográfica mais sólida e uma compreensão mais profunda do espaço e das interações humanas e ambientais que o caracterizam.

Questão problematizadora 7

Segundo Delgado de Carvalho, é importante para o professor perguntar sobre a cidade e quando ela foi criada para buscar enriquecer a compreensão dos alunos sobre o lugar em que estão estudando, promovendo uma conexão entre a Geografia e a história local, estimulando o interesse e o envolvimento dos alunos e proporcionando uma base sólida para a análise geográfica da cidade.

Questão problematizadora 8

A pergunta do professor sobre os primeiros ocupantes da cidade tem importância significativa do professor em promover a compreensão histórica, o respeito pela diversidade cultural, a análise das transformações e a valorização da herança cultural local. Essa abordagem enriquece a aprendizagem geográfica dos alunos, ao conectar a Geografia com a história, a identidade e a cultura da cidade em estudo.

Questão problematizadora 9

O conhecimento sobre o local exato onde uma cidade começou a ser povoada proporciona um contexto histórico fundamental. Permite compreender as razões e os eventos que levaram ao estabelecimento da comunidade naquele local específico. Isso inclui fatores como a presença de recursos naturais, rotas comerciais, estratégias de defesa ou características geográficas favoráveis. Compreender o contexto histórico ajuda a entender as origens da cidade e as influências que moldaram seu desenvolvimento.

Ao conhecer onde as pessoas se estabelecem, o aluno tem a oportunidade de identificar os locais de importância histórica, cultural e social em sua cidade. Isso pode incluir áreas de ocupação tradicional, bairros antigos, monumentos, praças, entre outros elementos que fazem parte do patrimônio local. Permitindo ao aluno valorizar e compreender a importância desses locais, e ele sendo capaz de desenvolver uma consciência sobre a preservação do patrimônio e a valorização da identidade da cidade.

Desta maneira proporciona ao aluno significados relacionados à conexão pessoal, compreensão histórica, valorização do patrimônio local e percepção espacial. Essa abordagem contribui para a construção de uma consciência geográfica mais ampla e para uma compreensão mais profunda do ambiente em que o aluno está inserido.

Questão problematizadora 10

Delgado de Carvalho considerava importante perguntar sobre o que os primeiros moradores locais faziam durante o processo de povoamento da cidade para que os alunos compreendessem as atividades econômicas, o contexto socioeconômico, as características culturais e valorizar o patrimônio histórico e cultural da cidade. Essas informações contribuem para uma compreensão mais abrangente do processo de povoamento e das raízes da comunidade local.

Questão problematizadora 11

É importante para o aluno indagar e reconhecer de onde as pessoas vieram e por que vieram para o local de povoamento para reconhecer e a contextualização histórica, valorização da diversidade cultural, estabelecimento de conexões regionais e globais, promoção da integração e intercâmbio cultural, além de fortalecer o autoconhecimento e a identidade. Esses aspectos enriquecem a compreensão do processo de povoamento e da formação da comunidade local.

Quadro 5 – Observação Socioespacial

Questões problematizadoras	Observação socioespacial
12	Onde se acham, na paisagem geográfica, os pontos habitados?
13	Como estão agrupados?

14	Porque estão agrupados do seguinte modo: na orla do mato, na várzea ou no espigão? á beira da estrada no alto ou no baixo, perto do córrego?
15	A que distância da vegetação mais densa?
16	Onde fica situada a habitação rural típica da zona em relação aos mananciais água?

Fonte: Carvalho (1941)
Organização feita pela autora

Questão problematizadora 12

Ao perguntar sobre a localização dos pontos habitados na paisagem geográfica durante uma excursão, busca-se analisar a distribuição espacial, identificar elementos construídos, compreender os fatores de influência, avaliar o crescimento urbano e promover a consciência do ambiente construído. Essa análise contribui para uma compreensão mais profunda da relação entre o ser humano e o espaço geográfico, isso também contribui para a compreensão da complexidade das relações sociedade-natureza e para a promoção da sustentabilidade urbana.

Questão problematizadora 13

O intuito de perguntar ao aluno sobre o motivo da habitação e como os pontos habitados estão agrupados ao olhar durante uma análise geográfica, busca-se compreender os fatores determinantes, analisar padrões de assentamento, estudar as dinâmicas sociais, planejar o uso do território e avaliar os impactos ambientais. Essas informações são essenciais para uma compreensão mais abrangente da relação entre as atividades humanas e o espaço geográfico.

Questão problematizadora 14

Ao perguntar ao aluno sobre o motivo pelo qual os pontos habitados estão agrupados de determinada maneira, como na orla do mato, na várzea ou no espigão, à beira da estrada no alto ou no baixo, perto do córrego, Delgado de Carvalho busca explorar a relação entre a ocupação humana e o ambiente

natural, compreender a influência da topografia e da acessibilidade, analisar aspectos econômicos e sociais, e identificar padrões culturais e históricos.

Tornando assim essas informações fundamentais para uma compreensão mais profunda dos padrões de ocupação humana e das interações entre sociedade e ambiente.

Questão problematizadora 15

É importante que o aluno se atente à distância da vegetação mais densa durante uma excursão geográfica para compreender os diferentes ecossistemas presentes na região, identificar paisagens e formações vegetais, avaliar a biodiversidade, analisar o uso e ocupação do solo e reconhecer áreas de proteção ambiental. Essa problematização e observação partindo do aluno contribui para uma compreensão mais completa da relação entre os elementos naturais e humanos presentes no ambiente geográfico.

Questão problematizadora 16

Quando se questiona e busca relacionar o olhar do aluno sobre a habitação rural típica da zona costuma estar situada em relação aos mananciais d'água de forma estrategicamente próxima a eles. Delgado de Carvalho considera importante perguntar ao aluno sobre essa relação durante uma excursão para se atentar a questão da sustentabilidade e autonomia hídrica, pois ao situar as habitações rurais próximas aos mananciais d'água, os moradores podem aproveitar de forma mais eficiente os recursos hídricos disponíveis, reduzindo a dependência de outras fontes de água distantes. Isso contribui para a sustentabilidade ambiental e para a autonomia hídrica das comunidades rurais.

A pergunta sobre a localização da habitação rural típica da zona em relação aos mananciais d'água durante uma excursão geográfica é importante para compreender o acesso à água, a sustentabilidade hídrica, a viabilidade das atividades agrícolas, os impactos ambientais, a gestão dos recursos hídricos e a influência cultural dessas comunidades.

A partir dessa análise o aluno se permite a uma compreensão e reflexão mais completa da relação entre a habitação rural e os recursos naturais disponíveis na região.

Quadro 6 – Recursos Hídricos

Questões problematizadoras	Recursos Hídricos
17	De onde proveem as águas?
18	São pluviais de nascentes de poços, de córregos ou rios?
19	Qual o aparelhamento geralmente em uso para sua obtenção?

Fonte: Carvalho (1941)
Organização feita pela autora

Questão problematizadora 17

Ao indagar o aluno sobre a origem das águas durante uma análise de geográfica, busca-se compreender os sistemas hídricos, avaliar a disponibilidade e a qualidade da água, identificar as bacias hidrográficas, analisar os usos e interferências humanas e compreender a relação entre as águas e o entorno geográfico. Essa abordagem contribui para uma compreensão mais completa dos recursos hídricos e sua importância na paisagem e nos processos geográficos.

Questão problematizadora 18

É importante indagar o aluno sobre o uso da água ser pluvial, de nascentes, poços, córregos ou rios durante uma excursão geográfica, pois promove ao aluno se atentar ao uso de abastecimento de água utilizada na região e compreender a disponibilidade, sustentabilidade, qualidade, vulnerabilidade e relação com o ambiente desse importante recurso.

Essa abordagem contribui para a compreensão dos desafios e oportunidades relacionados à gestão dos recursos hídricos na região estudada.

Questão problematizadora 19

Quando o aluno é questionado sobre aparelhamento geralmente em uso para obtenção da água tem como função promover o conhecimento sobre os sistemas de abastecimento, avaliar a eficiência e sustentabilidade desses

métodos, identificar problemas e necessidades, e estimular a participação e conscientização dos alunos. Essa abordagem contribui para uma compreensão mais ampla dos desafios e soluções relacionados ao acesso à água e à gestão dos recursos hídricos.

Desta maneira, ele os incentiva a refletir ativamente sobre esse assunto, o que ajudou no desenvolvimento do pensamento crítico e na busca por soluções sustentáveis.

Além disso, essas discussões levaram os alunos a perceberem a importância do acesso à água limpa e a entenderem a necessidade de cuidar desse recurso de forma responsável. Isso os motivou a tomar medidas tanto individualmente quanto coletivamente em prol da sustentabilidade da água.

Quadro 7 – Tipos e características de moradias

Questões problematizadoras	Tipos e características de moradias
20	Qual o material para arcabouço e para paredes: pau a pique, barrote, taipa, adobe ou madeira, tijolos, pedra, etc.?
21	Se puder ser notada alguma diferença entre uma casa velha e uma casa nova nos seus respectivos materiais e tipos de construção, a observação será preciosa. Qual a cor do rebôco ?
22	Qual é o clima que o telhado, nesta zona, precisa enfrentar? Qual o material? Sapé, fôlha de palmeiras, zinco, ardósias, telhas ou madeira lascada? Qual a sua inclinação? Quantas águas e que forma apresenta? É forrado ou de telha vã? Comporta um depósito ou cômodos?

Fonte: CARVALHO (1941)
Organização feita pela autora

Questão problematizadora 20

Para Delgado de Carvalho, perguntar ao aluno sobre o material utilizado nas casas analisadas durante uma excursão geográfica era importante

conhecer o material utilizado no arcabouço e nas paredes das casas, possibilitando o aluno identificar as características construtivas da região. Diferentes materiais de construção refletem técnicas tradicionais, disponibilidade de recursos locais e influências culturais. Essa informação permite compreender a relação entre a arquitetura e o ambiente geográfico, contribuindo para a análise da paisagem e das práticas construtivas.

Ao analisar a sustentabilidade ambiental: O material de construção utilizado nas casas tem implicações ambientais significativas. Materiais como pau a pique, barrote, taipa, adobe ou madeira podem ser considerados mais sustentáveis, pois geralmente são obtidos localmente e possuem menor impacto ambiental em comparação com materiais industrializados como tijolos ou concreto. Ao conhecer o material utilizado, é possível avaliar a sustentabilidade das construções e promover a conscientização sobre práticas construtivas mais ambientalmente responsáveis.

De acordo com ele, perguntar ao aluno sobre o material utilizado nas casas durante uma excursão geográfica é importante para identificar características construtivas, analisar a sustentabilidade ambiental, compreender as condições socioeconômicas e promover a preservação do patrimônio cultural. Essa abordagem contribui para uma análise mais ampla da paisagem, das práticas construtivas e das dinâmicas sociais e culturais de uma região.

Questão problematizadora 21

A sugestão de Delgado de Carvalho para o professor perguntar ao aluno sobre as diferenças entre casas velhas e casas novas nos materiais e tipos de construção, bem como sobre a cor do reboco, tinha o objetivo de estimular a observação e análise das mudanças ocorridas ao longo do tempo na arquitetura local.

Ao comparar uma casa velha com uma casa nova, é possível identificar as transformações na técnica construtiva, nos materiais utilizados e nas características estéticas. Essa comparação permite compreender aspectos relacionados à evolução das práticas construtivas, às influências culturais e às mudanças socioeconômicas na região. Além disso, a cor do reboco pode

revelar preferências estéticas, materiais disponíveis ou influências culturais locais.

Através dessa análise, o aluno é incentivado a observar as diferenças e semelhanças entre as casas, compreender o contexto histórico e cultural que moldou a arquitetura local e refletir sobre as transformações ocorridas na paisagem ao longo do tempo. Essa abordagem contribui para a compreensão da dinâmica do espaço construído, valorização do patrimônio arquitetônico e desenvolvimento de um olhar crítico sobre as mudanças sociais e culturais presentes na região.

Questão problematizadora 22

Ao sugerir ao professor que pergunte ao aluno sobre as características das casas em relação ao clima enfrentado, ao material do telhado, à inclinação, ao formato, ao revestimento e à presença de depósito ou cômodos, Delgado de Carvalho busca enfatizar a importância de compreender a relação entre a arquitetura e as condições ambientais locais durante uma excursão geográfica.

Essas perguntas incentivam o aluno a observar as características arquitetônicas das casas em relação ao clima e ao ambiente local, promovendo a compreensão da relação entre o homem, a arquitetura e o meio ambiente. Ao analisar como as construções se adaptam às condições climáticas, os alunos podem desenvolver uma consciência sobre a importância da sustentabilidade ambiental e da utilização de recursos disponíveis de forma adequada e adaptada ao contexto local.

Quadro 8 - Geografia agrícola

Questões problematizadoras	Geografia agrícola
23	Como são distribuídos os campos de cultura?
24	Quais as suas formas características?
25	Quais as suas cercas?

Fonte: Carvalho (1941)
Organização feita pela autora

Questão problematizadora 23

A sugestão de Delgado de Carvalho para que o professor pergunte sobre a distribuição dos campos de cultura durante uma excursão geográfica tem como objetivo estimular a análise e compreensão dos padrões espaciais e das dinâmicas agrícolas na região estudada.

A distribuição dos campos de cultura revela informações importantes sobre os sistemas agrícolas locais, os tipos de culturas predominantes e as práticas agrícolas adotadas. Ao perguntar sobre como os campos de cultura estão distribuídos, o professor incentiva o aluno a observar os arranjos espaciais das áreas cultivadas, como sua forma, tamanho, localização e relação com elementos naturais, como relevo, hidrografia e vegetação.

Delgado de Carvalho busca que os alunos desenvolvam uma visão crítica e aprofundada sobre as relações entre agricultura, paisagem e sociedade. Compreender como os campos de cultura estão distribuídos é fundamental para analisar as transformações no uso da terra, identificar potenciais impactos ambientais e refletir sobre os desafios e oportunidades para o desenvolvimento sustentável da região.

Questão problematizadora 24

Através do questionamento ao aluno sobre dos sistemas de cultivo utilizados, as técnicas agrícolas empregadas e as estratégias de manejo da terra, o aluno se torna capaz de identificar formas e características dos campos de cultura que refletem aos aspectos como é e está sendo a organização produtiva, a divisão de trabalho, a disponibilidade de recursos naturais e a adaptação às condições locais, que também estarem ligadas às influências culturais, históricas e socioeconômicas na agricultura da região.

Dessa maneira Carvalho orientava para que o professor se atente a perguntar sobre as formas características dos campos de cultura visando estimular a observação e análise das configurações espaciais adotadas na agricultura, possibilitando a compreensão dos sistemas de cultivo, das técnicas agrícolas utilizadas e das influências socioeconômicas e culturais na paisagem agrícola.

Uma das formas características é a plantação em linhas retas. Ela é comumente utilizada em cultivos extensivos, como o milho e o trigo. Essas

linhas retas facilitam a mecanização da colheita, permitindo que máquinas agrícolas percorram o campo de forma eficiente. Além disso, essa forma ajuda os agricultores a otimizarem o uso de recursos, como água e fertilizantes, garantindo uma distribuição uniforme.

Outra forma comum e que pode ser identificada pelo aluno ao abordar essa problematização é a plantação em curvas. Essa técnica é frequentemente aplicada em áreas montanhosas, onde a topografia irregular pode dificultar a plantação em linhas retas. Ao seguir as curvas de nível do terreno, os agricultores minimizam a erosão do solo, promovendo uma agricultura sustentável e preservando o meio ambiente.

Através dessa excursão geográfica, o aluno será capaz de entender que o formato das plantações agrícolas não é apenas uma questão estética, mas está intrinsecamente ligado à produtividade, sustentabilidade e eficiência da agricultura. Ao compreender as formas características das plantações, ele poderá apreciar o trabalho árduo dos agricultores, suas estratégias inteligentes e sua capacidade de adaptação às condições locais.

Questão problematizadora 25

Quando o professor permite-se perguntar ao aluno sobre as cercas de separação de culturas durante uma excursão geográfica, Delgado de Carvalho propõe uma reflexão sobre a organização espacial das áreas cultivadas e as estratégias utilizadas para demarcar e proteger as diferentes culturas.

Essa pergunta busca incentivar o aluno a observar as cercas que delimitam os campos de cultivo e refletir sobre sua importância e função. As cercas de separação de culturas podem assumir diferentes formas e materiais, como cercas de arame, cercas vivas, muros, valas ou outros elementos físicos. Elas têm como objetivo evitar a mistura indesejada de culturas, proteger as plantações contra a ação de animais, delimitar áreas de manejo específicas e facilitar a gestão e o controle das atividades agrícolas.

Pois, ao refletir sobre as cercas de separação de culturas, o aluno pode compreender a importância da organização espacial na agricultura, a influência das práticas culturais na paisagem agrícola e as estratégias adotadas para otimizar o uso da terra e dos recursos disponíveis. Além disso, a análise das cercas também pode revelar aspectos culturais, históricos e socioeconômicos,

como tradições locais, sistemas de posse da terra e formas de organização social na agricultura. Possibilita assim o aluno para uma compreensão mais ampla das relações entre agricultura, paisagem e sociedade.

Quadro 9 - Trabalho e agricultura

Questões problematizadoras	Trabalho e agricultura
26	Quais os animais usados no trabalho agrícola?
27	a lavoura é de enxada, de arados ou já dispõe de aparelhos mecânicos?

Fonte: Carvalho (1941)
Organização feita pela autora

Questão problematizadora 26

Ao perguntar ao aluno sobre quais os animais usados no trabalho agrícola, o professor pode esperar que o aluno demonstre conhecimento sobre a relação entre a atividade agrícola e a utilização de animais como auxiliares na execução de diversas tarefas.

Espera-se que o aluno possa identificar e citar os animais comumente utilizados na agricultura, como bois, cavalos, burros, búfalos, camelos, entre outros, dependendo da região e das práticas agrícolas específicas, possibilitando o professor promover que o aluno reflita e compreenda a importância desses animais no contexto agrícola, reconhecendo as funções desempenhadas por eles, tais como tração animal para o arado, transporte de cargas, abastecimento de energia, entre outras atividades relacionadas ao trabalho no campo.

Ao responder a essa pergunta, espera-se que o aluno também possa discutir as vantagens e desvantagens do uso de animais no trabalho agrícola, promovendo assim um olhar crítico vindo do aluno.

Questão problematizadora 27

Delgado tinha como mente a pergunta se a lavoura é de enxada, de arados ou já dispõe de aparelhos mecânicos, ele busca estimular a observação e análise das práticas agrícolas e dos métodos utilizados no cultivo da terra.

O objetivo da questão problematizadora torna o aluno compreensivo a evolução das técnicas e instrumentos agrícolas ao longo do tempo, bem como suas repercussões na produção agrícola e no manejo do solo. O professor pode esperar que o aluno identifique as diferentes formas de trabalho no campo, desde técnicas mais tradicionais, como a lavoura manual com enxada, até métodos mais modernos, que envolvem o uso de aparelhos mecânicos, como tratores, arados motorizados, colheitadeiras, entre outros.

As perguntas sugeridas por Delgado de Carvalho em seu documento "A Excursão Geográfica" estão alinhadas com os princípios da Escola Nova, pois incentivam a observação ativa, a análise crítica e a participação do aluno no processo de aprendizagem. Essas perguntas convidam o aluno a explorar o ambiente natural e social, estimulando o pensamento geográfico e a compreensão das relações entre o homem e o espaço.

Ao propor questões que envolvem a observação da paisagem, a identificação de elementos geográficos, a análise das práticas agrícolas e a reflexão sobre o meio ambiente, Delgado de Carvalho busca promover uma educação geográfica mais concreta e contextualizada. Ele valoriza a importância da excursão geográfica como uma oportunidade para o aluno se envolver ativamente na construção do conhecimento, a partir da observação direta e da interação com o ambiente.

As perguntas propostas por Delgado de Carvalho também estão relacionadas à valorização da experiência vivencial e ao desenvolvimento da capacidade de investigação e análise crítica por parte dos alunos. Essa abordagem se alinha aos princípios da Escola Nova, que considera o aluno como protagonista de sua aprendizagem, incentivando sua curiosidade, autonomia e participação ativa na construção do conhecimento.

Portanto, a relação da Escola Nova com as perguntas sugeridas por Delgado de Carvalho reside na busca por uma educação mais participativa, contextualizada e significativa, que valorize a experiência direta, a observação do meio e a reflexão crítica sobre as relações entre o homem e o espaço geográfico. Essas perguntas visam estimular a curiosidade, a investigação e o engajamento dos alunos, promovendo uma aprendizagem mais profunda e conectada com a realidade. (CARVALHO, 1941)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das gerações, é essencial que as metodologias educativas sejam renovadas para acompanhar as transformações sociais, tecnológicas e culturais. No contexto específico da geografia, a abordagem em sala de aula deve evoluir para refletir as mudanças nas questões políticas, econômicas e ambientais que impactam nosso mundo. No entanto, é importante reconhecer que essas questões continuam a exercer influência sobre a maneira como a geografia é ensinada.

As questões políticas e econômicas moldam o currículo e a abordagem da geografia nas escolas. Os sistemas educacionais são frequentemente afetados por decisões políticas que priorizam certos aspectos do conhecimento geográfico em detrimento de outros. Além disso, as políticas econômicas podem limitar os recursos disponíveis para investimentos na formação de professores e em atividades práticas que enriqueçam a experiência dos alunos.

No entanto, a educação tem se esforçado para amenizar as desigualdades sociais e promover uma abordagem mais inclusiva da geografia. A formação continuada de professores é uma estratégia importante nesse sentido. Ao oferecer oportunidades de atualização e aprofundamento dos conhecimentos, as instituições educacionais ajudam os professores a se adaptarem às demandas contemporâneas e a desenvolverem metodologias mais eficazes.

Além disso, apesar da escassez de verbas para atividades fora da sala de aula, alguns esforços têm sido feitos para possibilitar práticas pedagógicas enriquecedoras. Parcerias entre escolas, comunidades e instituições de ensino superior podem proporcionar recursos adicionais, como visitas a campo, palestras e projetos interdisciplinares. Essas atividades expandem a visão dos alunos sobre a geografia, promovendo uma aprendizagem mais significativa e uma compreensão mais ampla do mundo em que vivemos.

Embora ainda haja desafios a serem enfrentados, a educação tem demonstrado um compromisso em superar as barreiras impostas pelas questões políticas e econômicas. Através da formação continuada de professores e do estímulo a práticas pedagógicas inovadoras, a geografia pode se tornar uma disciplina que contribui ativamente para a redução das

desigualdades sociais, ao proporcionar a todos os alunos uma educação geográfica de qualidade, que os capacite a compreender e transformar o mundo ao seu redor.

É fundamental reconhecer a importância de conectar a relação do homem com a natureza como um conjunto inseparável. Essa abordagem permite uma análise mais completa e profunda dos problemas socioambientais, das desigualdades e das interações complexas que ocorrem no espaço geográfico.

A geografia contemporânea tem avançado na compreensão dessa relação integrada, buscando integrar aspectos sociais, culturais e ambientais em seus estudos. A abordagem sistêmica e interdisciplinar permite uma análise mais abrangente das dinâmicas espaciais e oferece uma base sólida para a formulação de soluções mais eficazes para os desafios socioambientais enfrentados pela sociedade atualmente.

Por fim, a excursão geográfica de Delgado de Carvalho se baseia em sua abordagem limitada que não conecta adequadamente a relação do homem com a natureza como um conjunto inseparável. Reconhecer essa interdependência é essencial para uma compreensão holística da geografia e para a busca de soluções sustentáveis e justas para os problemas socioambientais contemporâneos.

O professor de geografia desempenha um papel crucial na construção de uma compreensão abrangente e holística da relação entre o homem e a natureza como um conjunto único e inseparável. Ao adotar abordagens pedagógicas adequadas, ele pode proporcionar aos alunos uma visão mais profunda das interações entre sociedade e ambiente, capacitando-os a refletir criticamente sobre as questões socioambientais contemporâneas.

Uma das estratégias fundamentais é promover a interdisciplinaridade, incentivando a integração de diferentes áreas do conhecimento, como ciências naturais, ciências sociais e humanas. Dessa forma, os alunos são estimulados a compreender a complexidade dos problemas ambientais e a considerar diferentes perspectivas na busca por soluções.

Além disso, é essencial que o professor explore casos concretos e estudos de caso que exemplifiquem as interações entre o homem e a natureza. Por meio de exemplos regionais, nacionais e internacionais, os alunos podem

compreender como as atividades humanas afetam os ecossistemas e como as mudanças ambientais impactam as sociedades.

Outra estratégia é incentivar a análise crítica dos discursos e das práticas relacionadas à relação homem-natureza. O professor pode estimular debates e reflexões sobre as diferentes visões de mundo, valores culturais e interesses políticos que moldam as ações humanas em relação ao ambiente. Dessa forma, os alunos podem compreender que a relação homem-natureza é complexa e influenciada por múltiplos fatores, superando visões simplistas ou reducionistas.

A utilização de tecnologias e recursos audiovisuais também pode enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, permitindo aos alunos acessar informações atualizadas e visualizar de forma mais concreta os processos e impactos da relação entre o homem e a natureza. Mapas interativos, imagens de satélite, documentários e reportagens podem despertar o interesse e a curiosidade dos alunos, além de facilitar a compreensão dos conceitos e fenômenos geográficos.

Por fim, é fundamental que o professor estimule a reflexão ética e a adoção de práticas sustentáveis. Incentivar a conscientização sobre a importância da preservação ambiental, a promoção da justiça socioambiental e a adoção de estilos de vida mais sustentáveis são aspectos essenciais para formar cidadãos comprometidos com a construção de um futuro mais equilibrado e justo.

Ao trabalhar a relação homem-natureza como um conjunto único e inseparável, o professor de geografia contribui para uma educação geográfica mais completa, sensível e crítica, capacitando os alunos a compreenderem e atuarem nas complexas dinâmicas socioambientais de nosso mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins. *Dois momentos na história da Geografia escolar: a Geografia clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho*. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 19-51, jul./ dez. 2011.
- Autor desconhecido. "O Brasil, país de dimensões continentais, revela em sua divisão regional a diversidade e a riqueza de um povo que se entrelaça em um mosaico geográfico único." Disponível em: <http://geografiaxou.blogspot.com/2016/10/divisao-regional-do-brasil-mapas-e.html>. Acesso em: 04 de junho de 2023. Elaborado pelo site blog Geografia show.
- OLIVEIRA, A. G. *Geografia escolar de Delgado de Carvalho: uma análise a partir da cartografia*. In: Revista do 12º Encontro de Geógrafos de América Latina, Montevideo, 2009, v.1.
- ALVES, N. C. *Escola Nova: um projeto de emancipação do aluno*. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Org.). *Ensino médio integrado: concepção e contradições*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 97-111.
- CARVALHO, Delgado de. *A excursão geográfica*. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, IBGE, v. 3, n. 4, p. 864-873, out./dez. 1941.
- CARVALHO, Delgado de. *Geografia regional do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943.
- DEWEY, J. *Vida e educação*. Tradução Anísio Teixeira. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- GASPARIN, J. L. *Uma didática para pedagogia Histórico-Crítica*. Campinas, SP: Autores associados, 2002
- GEOBRASIL. *Carlos Miguel Delgado de Carvalho: Documentos sobre autor*. Disponível em: <<http://www.grupogeobrasil.uerj.br/geografo.php?id=50&lab=1>> Acesso em: 19 de maio de 2023.
- MELLO, M.C.O. *Os Manuais de Ensino de Geografia produzidos no primeiro terço do século XX: Fontes e objetivos de estudo*. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*. Campinas- SP, v. 4, n. 8, p. 146-159, 2014.
- MENEZES, Maria Lúcia Pires. *A Geografia de Delgado de Carvalho*. *Revista de Geografia – PPGeo*, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 1- 17, 2011.
- ROCHA, Genylton Odilon Rêgo. *Delgado de Carvalho e a orientação moderna no ensino da Geografia escolar brasileira*. *Revista Terra Brasilis*. [Online], n. 1,

2000. Disponível em > <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/293>. Acesso em: 19 de abril de 2019.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo. *Por uma Geografia moderna na sala de aula. Rui Barbosa e Delgado de Carvalho e a renovação do ensino de Geografia no Brasil*. Mercator - Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, v. 8, n. 15, p. 75-94, 2009.

SAVIANI, Demerval. *A pedagogia no Brasil: história e teoria*. Câmara Brasileira de livros. Título I, II série. 1 ed. 2012. p. 84- 155.